



FMUP

BIOÉTICA

CARLA SOFIA BARBOSA DA COSTA RIBEIRO PASSEIRA

**O CONTRIBUTO DA FAMÍLIA PARA O ENVELHECIMENTO
COM DIGNIDADE**

**ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DAS VIVÊNCIAS DOS IDOSOS NO
CONTEXTO DA FAMÍLIA**

**Dissertação apresentada para a
obtenção do grau de Mestre em
Bioética, sob a orientação do
Professor Doutor João Barreto**

4º CURSO DE MESTRADO EM BIOÉTICA

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PORTO, 2008

Ao meu avô Albino

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor João Barreto, pela sua preciosa orientação, apoio e disponibilidade no desenvolvimento deste trabalho sem os quais não teria sido possível a sua realização.

Ao Professor Doutor Rui Nunes, coordenador do Mestrado em Bioética, pelo saber transmitido e apoio prestado.

À Professora Doutora Guilhermina Rego, pela sua colaboração e apoio.

À Mestre Isaura Carvalho pela sua colaboração.

À Dr.^a Cláudia pela ajuda nas traduções.

A todos os idosos que comigo colaboraram.

Ao Bruno, ao Gabriel, à Teresa, ao Albino e ao Filipe pelo apoio e compreensão.

RESUMO

Admitir a humanidade de cada ser humano implica admitir a sua dignidade.

Sendo a dignidade uma qualidade indissociável do ser humano, torna-se imprescindível a sua consideração em qualquer circunstância.

A velhice constitui uma situação de vida em que a dignidade pode tornar-se substancialmente ameaçada ou até mesmo perdida. Nessa circunstância particular, é importante consciencializarmo-nos para o princípio fundamental do respeito pela dignidade da pessoa no estado de velhice.

Um factor determinante para o respeito pela dignidade do idoso é o ambiente familiar.

Parece-nos que uma reflexão profunda sobre o fenómeno do contributo da família para o envelhecimento com dignidade constitui a possibilidade de melhor se compreender quais os seus significados.

A questão que orientou a nossa pesquisa direccionou-se para a compreensão do significado que adquire a família no processo de envelhecimento condigno, para os idosos a viverem no contexto familiar.

Este estudo adopta uma metodologia qualitativa, cuja abordagem fenomenológica hermenêutica, proposta por Max van Manen (1997), constitui a orientação metodológica.

Seleccionamos para o estudo oito participantes, com os quais realizamos entrevistas semi-estruturadas.

Cada entrevista foi gravada em sistema áudio e transcrita integralmente tal como foi verbalizada. Após o trabalho de transcrição, as entrevistas foram novamente lidas e confrontadas com a gravação. Em seguida, os textos foram lidos a cada participante, para uma eventual correção dos mesmos, no sentido de validar os significados contidos no texto. Posteriormente foram realizados os três tipos de abordagem aos textos que van Manen (1997) aconselha através da leitura e releitura.

Através da descrição das vivências dos idosos, a família assume a expressão em três formas, no contexto do envelhecimento condigno:

- A Família é expressa como fonte de dignidade. É através da família que o idoso sente que a sua dignidade é preservada. Dignidade esta que assume diversas expressões.
- A Família é também vista como fonte de relações e sentimentos controversos. Por vezes, o próprio ambiente familiar e o conjunto de relações entre os diversos elementos gera relações e sentimentos controversos, quer sentidos pelo idoso, quer pela sua família, originando desta forma sentimentos menos positivos.
- A Família é encarada como um ponto de equilíbrio na vida do idoso. Quando a experiência familiar se demonstra menos positiva, o idoso, por vezes, procura outro ambiente familiar de modo a encontrar esse ponto de equilíbrio. Este equilíbrio está relacionado com a afectividade e a diversa expressão de afectos.

ABSTRACT

To admit the humanity of every human being is to admit his dignity.

Since dignity is one of the main features of men, it should always be taken into account.

At old age, dignity can be seriously threatened or even lost. In that case, it is important to respect the fundamental principle of one's dignity at old age.

One of the key aspects to respect old people's dignity is Family.

A deep thought on family's contribution to a dignifying aging process, can give us the chance to evaluate family importance in this process.

In our research we tried to understand family importance to older people for a proper aging process, for people living in the family environment.

This study was made according to a qualitative method, proposed by Max van Manen (1997).

Eight people were selected for this study and interviewed in a semi-structured way.

Each interview was recorded and fully transcript. After this, the interviews were read again and confronted with the recordings. Following this, the texts were presented to each participant for possible corrections. After that, three different approaches were performed according to van Manen methodology (1997), throw reading and re-reading.

Through the descriptions made by older people, family can be seen in 3 different ways:

- Family can be expressed as a dignity source. In the family, the elderly can feel that his dignity is kept. Dignity can be seen in many ways.
- Family is also seen as source of relationships and controversy. Sometimes, family environment, can lead to complicated relationships, which may cause less positive feelings.
- Family may also be a Balance point. When home environment is not appropriated the elder may look for another place to find his balance, searching for affection.

ÍNDICE

Introdução.....	9
------------------------	----------

CAPÍTULO UM

Procurando uma Aproximação ao Envelhecimento Condigno.....	15
---	-----------

1. Pesquisando e compreendendo conceitos.....	16
1.1 Definindo e relacionando os conceitos de família e envelhecimento.....	18
1.2 Compreendendo a importância do conceito de dignidade no envelhecimento.....	34

CAPÍTULO DOIS

Aproximando-nos à Natureza da Experiência Viva.....	43
--	-----------

1. Perspectivando o estudo da experiência viva.....	44
1.1 Optando por uma abordagem fenomenológica.....	46
1.2 Partilhando a nossa experiência.....	54
1.3 Chegando à questão orientadora.....	58
1.4 Selecionando os participantes e enfatizando alguns aspectos éticos.....	60

CAPÍTULO TRÊS

Investigando a Natureza da Experiência Viva.....	64
---	-----------

1. Obtendo as descrições da experiência viva.....	65
2. Construindo a análise das expressões vividas.....	70

CAPÍTULO QUATRO

Procedendo a uma Reflexão e uma Escrita Fenomenológica Hermenêutica.....	72
---	-----------

1.Desenvolvendo uma reflexão e uma escrita fenomenológica hermenêutica.....	73
1.1 Encontrando os significados da experiência viva.....	75
1.2 Descrevendo de forma temática as expressões do contributo da família para o envelhecimento com dignidade.....	83
1.2.1 Família como fonte de dignidade.....	84
1.2.2 Família como fonte de relações e sentimentos controversos.....	92
1.2.3 Família como ponto de equilíbrio.....	103
1.3 Reflectindo sobre os significados do contributo da família para o envelhecimento com dignidade.....	112
1.3.1 Família como fonte de dignidade.....	113
1.3.2 Família como fonte de relações e sentimentos controversos.....	118
1.3.3 Família como ponto de equilíbrio.....	124

Tecendo as Últimas Considerações.....	128
--	------------

Posfácio.....	131
----------------------	------------

Referências.....	135
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

O mundo está em constante mudança. Nós, seres humanos, não ficamos imunes a estas transformações. Como tal, os conceitos vão sofrendo sucessivas transformações, como é o caso da instituição familiar.

Hoje em dia há uma diversidade de tipos de famílias, em que os laços e as relações de afecto se alteram consoante o tipo de estrutura familiar em causa.

Dado que a esperança de vida tende a aumentar, contribuindo para uma sociedade mais envelhecida, é precisamente o lugar ocupado pelo idoso neste conjunto de estruturas familiares que nos remete para esta reflexão.

Deste modo, o trabalho de projecto por nós¹ realizado, no âmbito do curso de Mestrado em Bioética, tem como objectivo conhecer o contributo da família para o envelhecimento com dignidade.

O crescimento populacional das idades mais avançadas é decorrente das conquistas tecnológicas e da Medicina moderna, que foram produzindo ao longo dos tempos, meios que tornaram possível diagnosticar, prevenir e curar muitas doenças fatais do passado, aumentando assim a expectativa de vida.

No mundo inteiro é cada vez maior o número de idosos. O envelhecimento como fenómeno social é um dos desafios mais importantes do século XXI, conduzindo à reflexão sobre questões com relevância crescente como a idade da reforma, os meios de subsistência, a qualidade de vida dos idosos, o estatuto dos idosos na sociedade e a solidariedade intergeracional.

Os idosos provêm de uma época na qual a família era ampla, caracterizando-se por um convívio intenso e frequente entre as gerações. Hoje em dia, com as diversas tarefas diárias que os diferentes elementos da família têm que cumprir, por vezes os laços afectivos, a cooperação e o contacto com os restantes membros são postos em causa.

¹ Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Contudo, as relações familiares estão formadas em afecto, sentimentos de reciprocidade e de obrigação. Apesar das transformações e das diferenças entre as famílias, elas ainda atendem funções básicas para os idosos. Para estes, a família ainda é a principal fonte de ajuda e de apoio tanto nas actividades domésticas como nas da vida diária: companhia, e afectos entre outras.

Deste modo, as trocas expressivas, que estão na base das relações de solidariedade continuam primordialmente a desenvolver-se no âmbito da vida familiar.

Cada vez mais se aceita a ideia de que o homem constitui um microcosmos universal com as suas leis próprias, as quais ainda não são totalmente conhecidas. Para adensar esta incógnita, também têm sido divulgados elementos de investigação que indicam ser necessário ter em conta que cada homem se revela como um microcosmos diferente de todos os outros, e que possui uma dignidade que é preciso respeitar.

Desta forma, somos levados a pensar que a dignidade constitui algo que se encontra associado ao próprio homem e se insere numa dimensão pouco conhecida. A dignidade humana constituirá, porventura, um mistério ainda pouco desvendado.

A dignidade diz respeito, portanto, a todos os homens, e como o idoso se encontra por vezes vulnerável vê a sua dignidade ameaçada.

Gostaríamos então de reflectir sobre aquilo que pensam os idosos sobre a família. Analisar através das vivências dos idosos, qual o contributo da família para o seu processo de envelhecimento condigno.

A reflexão sobre esta realidade permitiu-nos formular a questão central para a orientação deste estudo – **Que significado adquire a família no processo de envelhecimento condigno para os idosos a viverem em contexto familiar?**

Tendo como fio condutor a questão de partida para o desenvolvimento deste estudo, traçamos os seguintes objectivos:

- Conhecer de que forma o idoso ocupa os tempos livres.
- Conhecer a ajuda que o idoso tem na satisfação das suas necessidades básicas.
- Conhecer o grau de proximidade e afecto com os elementos do agregado familiar.
- Conhecer os sentimentos proporcionados pela família.

Assim, tornou-se a partir daqui possível estabelecer como objectivo final do estudo:

Conhecer o significado do contributo da família para o envelhecimento com dignidade, através da compreensão das vivências dos idosos a viverem no contexto da família.

É então chegado o momento de nos questionarmos sobre qual o caminho a seguir.

Creemos, que uma pesquisa de cariz qualitativo se enquadra na busca da essência do fenómeno que pretendemos estudar, uma vez que, segundo Max van Manen (1997), ao investigarmos a ciência humana, tentamos construir uma descrição (embora interpretativa) de alguns aspectos do mundo vivido.

Entendemos assim apropriada a obtenção de informações vivenciais junto dos participantes, prosseguindo na sua reorganização e análise. Através deste caminho, cremos poder desenvolver a construção de uma estrutura conceptual que dê forma ao fenómeno do contributo da família, a partir do olhar da própria pessoa que o experiêcia.

Na pesquisa fenomenológica, são várias as orientações que podemos seguir. Contudo, a nossa opção recaiu sobre van Manen (1997), por encontrarmos nas suas orientações um fio condutor para a consecução do nosso estudo.

Este autor indica-nos quais as directrizes que considera essenciais para a realização de pesquisas que se enquadram no âmbito das ciências sociais e humanas, inseridas numa

abordagem fenomenológica. Deste modo, o fenómeno que pretendemos compreender enquadra-se neste tipo de orientação.

Neste estudo não partimos de uma teoria pré-existente, nem procuramos gerar uma nova teoria, desejando, tão somente, compreender as vivências dos idosos no contexto da família.

A organização do texto deste trabalho desenvolve-se de acordo com as seguintes indicações:

- O corpo do texto é composto por quatro capítulos principais. No primeiro, realizaremos uma aproximação ao envelhecimento condigno, onde tentaremos compreender os conceitos principais e incluiremos algumas referências e citações, na tentativa de ordenar e apresentar os fragmentos dispersos na literatura encontrada.
- No segundo capítulo perspectivamos o estudo do fenómeno (o contributo da família para o envelhecimento com dignidade), através da selecção do tipo de abordagem, de partilha da nossa própria experiência e de alguns pré-entendimentos que consciencializamos acerca do fenómeno em estudo. Referiremos ainda as questões que orientaram a nossa pesquisa e a selecção dos participantes, enfatizando os aspectos de carácter ético.
- No terceiro capítulo daremos conta da investigação da experiência vivida, no contexto dos procedimentos que a orientação fenomenológica de van Manen (1997) recomenda. Apresentaremos a obtenção das descrições da experiência vivida dos idosos participantes na pesquisa, bem como a construção da análise dessas mesmas descrições.
- No quarto capítulo procederemos à realização de uma análise, reflexão e descrição dos significados das vivências do contributo da família, isto é, do que van Manen (1997) denomina como reflexão e escrita hermenêutica. Apresentaremos o que

constitui o caminho percorrido, desde a procura dos significados da experiência vivida até à reflexão sobre os temas desvelados a partir dela.

- Finalizaremos a apresentação do nosso trabalho com um capítulo apresentado em forma de conclusão, no qual daremos conta das considerações finais sobre a pesquisa e o trabalho realizado, seguindo-se a apresentação sumária da pesquisa bibliográfica utilizada.

Na organização deste trabalho, no que respeita às normas de apresentação de trabalhos científicos, baseamo-nos nas normas formais para a elaboração do trabalho de projecto no âmbito do Mestrado em Bioética – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

CAPÍTULO UM

PROCURANDO UMA APROXIMAÇÃO AO ENVELHECIMENTO CONDIGNO

1. PESQUISANDO E COMPREENDENDO CONCEITOS

Ao observarmos com um pouco mais de atenção os documentos disponíveis, verificamos a inexistência de estudos de investigação em que a dignidade no envelhecimento com o contributo da família possa constituir o seu tema central.

Uma pesquisa mais apurada mostra-nos também, que a informação disponível sobre o tema apresenta pouca especificidade e profundidade, o que a transforma em pouco mais que escassas referências, fragmentadas e dispersas.

Por essas razões, tentaremos condensar e organizar as informações encontradas, como forma de tornar possível uma aproximação ao conceito de dignidade humana e aos conceitos de família e envelhecimento.

Na busca de alguns dos seus elementos constituintes, iniciaremos o caminho de aproximação aos conceitos referidos, tomando como ponto de partida as suas definições, tentando simultaneamente compreender a importância global dos conceitos de família, envelhecimento e dignidade. Para tal, procederemos à consulta de dicionários de carácter geral e de carácter temático e várias foram as expressões encontradas.

Definição de família: Conjunto de pessoas que vivem na mesma casa, conjunto das pessoas do mesmo sangue ou ligados por aliança, como pais, filhos, avós, tios, irmãos, sobrinhos, primos (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 1981).

Definição de envelhecimento: Ficar mais velho, isto é, avançar na idade (Barreto, 2008).

Definição de dignidade:

Na Editora Dicionários (1992) podemos também encontrar uma definição do conceito de dignidade que se apresenta dotada de maior amplitude e que passamos a transcrever na íntegra:

“Qualidade moral que infunde respeito; consciência do próprio valor; gravidade; grandeza; modo digno de proceder; respeitabilidade; cargo elevado; honraria; autoridade; nobreza; princípio moral baseado na finalidade do homem e não somente na sua utilização como meio; - **humana**: valor particular que tem todo o homem como homem, isto é, como ser racional e livre, como pessoa; **moral da humana**: doutrina segundo a qual o princípio ético fundamental é o respeito da pessoa humana em si mesma e nos outros”.

Durozoi & Roussel (2000) reforçam as concepções anteriores, quando afirmam que dignidade pertence ao domínio da Moral humana e consiste:

“Em Moral, característica da pessoa humana que tem um tal valor que deve ser sempre tratada como um fim e nunca simplesmente como um meio. Ao passo que as coisas têm apenas um valor relativo, por outras palavras, um preço, as pessoas, que são superiores a qualquer preço, têm um valor intrínseco, isto é, uma dignidade”.(Durozoi C, Roussel A, 2000).

O Oxford Reference Dictionary refere também as componentes etimológicas e sugere três usos para a palavra dignidade. O primeiro registo refere-se a uma maneira ou “estilo próprio” de cada um, o segundo compreende o significado de digno ou “merecedor de honra e respeito” e o terceiro registo sugere “alto cargo ou posição”. (Mairis E, 1994).

Os significados encontrados nas fontes consultadas assemelham-se entre si e não diferem grandemente nos seus elementos constituintes.

1.1 Definindo e relacionando os conceitos de família e envelhecimento

Dado que vivemos numa sociedade em constante mudança, os conceitos vão-se alterando sucessivamente. Do mesmo modo, a instituição familiar encontra-se sujeita a estas alterações. “As pessoas estão cada vez mais condicionadas pelos locais de trabalho, onde acabam por tomar, (...) as refeições. As crianças e o idoso crescem e vivem nos espaços colectivos que lhe são impostos, com poucas ligações ao ambiente familiar”.(Cabral B, 1994).

A família poderá ter como estrutura uma árvore, uma rede ou até a estrutura geométrica de uma colmeia. No entanto, a família é sempre um conjunto de interdependências, de entregas e de dádivas, que acolhe todos os elementos como parte integrante de um todo comum.

É na família que podemos encontrar laços de coesão social e de cooperação. É o lugar onde os indivíduos reencontram o seu lugar insubstituível, o abrigo onde recuperam por vezes a sua dignidade perdida. Deste modo, e sob este prisma, a família constitui um instrumento de promoção ética e personalizada de cada membro.

Foi a consciência do papel fundamental da família no desenvolvimento individual e na sustentação da justiça social que fundamentou a afirmação de que a família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção desta e do Estado, consagrada no n.º 3 do artigo 16.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem e que justificou, entre nós, uma disposição constitucional que reconhece direitos à estrutura familiar e atribui ao Estado a missão de a proteger (artigo 67.º da Constituição da Republica Portuguesa).

Todas estas definições remetem-nos e fazem-nos pensar no conceito de família. A família enquanto unidade de valores já não é regra. O que actualmente podemos encontrar é uma multiplicidade de agregados que se vão modificando em virtude da própria dinâmica

dos seus elementos individuais, da procura egoísta de felicidade ou da forte cadeia altruísta de solidariedade.

Quando falamos de família, independentemente dos nossos ideais e convicções, temos de visualizar todo o conjunto de relações que aproximam as pessoas, que as fazem coexistir e cooperar e que constituem um pilar de apoio e felicidade. Talvez por isso, vamos ouvindo expressões como “uniões de facto”, “famílias de acolhimento”, “ajudantes familiares”, “creches familiares”, “monoparentalidade”..., estruturas ou serviços destinados a enriquecer um conceito demasiado restrito para dar resposta à multiplicidade de percursos de vida, de opções e de necessidades. Estamos então, perante uma multiplicidade de estruturas familiares onde a imagem dos mais velhos é muitas vezes desvalorizada.

É precisamente o lugar ocupado pelo idoso, neste emaranhado de estruturas familiares, que nos remete para esta reflexão. Por vezes encontramos pessoas idosas isoladas que vão resistindo nas suas aldeias ou em casas degradadas longe dos seus filhos e netos. Também encontramos idosos enclausurados à força ou sob coacção, colocados fora do núcleo familiar e aqueles que vão saltitando entre as casas dos diversos filhos, em situações temporárias de hospedagem, dormindo em sofás e com a maleta dos seus pertences num cantinho improvisado para aquela situação.

Outros idosos acolhem nas suas casas os seus descendentes e com eles fazem uma economia conjunta, construída sobre entregas comuns.

Outros há que mantêm a sua independência e habitam sós, sem prejuízo da existência de uma relação saudável de cooperação e respeito com os seus parentes. Outros substituem os seus filhos e assumem a educação e o sustento dos seus netos, comprovando a imprescindibilidade da sua intervenção na vida familiar.

Será incorrecto, então, generalizar a imagem de que as pessoas idosas já não influenciam a vida familiar, e que constituem um encargo para os seus descendentes, assim como será incorrecto afirmar que todos os agregados familiares violam o pacto familiar. O lugar dos mais velhos no espaço da família depende da sinergia endógena do próprio agregado, do percurso dos seus membros, da forma como se foi alimentando, ao longo da

vida, a árvore genealógica. Depende também de circunstâncias exógenas que condicionam a manutenção dos laços afectivos e a prestação de cuidados aos elementos mais dependentes.

Entre os restantes elementos da família e os mais idosos desenvolve-se a mesma diversidade de relações que se estabelece entre os demais elementos do mesmo agregado, e as interdependências variam, consoante os afectos, as disponibilidades, as condições sócio – económicas de vida, as perdas de autonomia, os problemas de saúde, enfim, toda uma história de vida.

Neste contexto, os idosos devem ser reenquadrados na família de forma a que se promovam as relações de suporte, com vista à resposta às incapacidades e necessidades de dependência crescentes e do mesmo modo realçar as potencialidades de autonomia e os seus direitos de dignidade. “A instituição familiar é ainda o garante da solidariedade necessária aos ascendentes em situação de velhice”.(Fernandes A, 1997).

Esta instituição, este suporte, deve ser estimulado e protegido, de forma a que a família se torne num espaço de trocas mútuas, onde há espaço para todas as idades. Verifica-se uma ausência de simetria nas relações entre pais e filhos, já que a melhoria de condições sócio – económicas dos descendentes não se traduz no aumento da qualidade dos cuidados prestados aos ascendentes nem na disponibilidade para a sua prestação directa. Quem actua junto das estruturas de acolhimento de pessoas idosas, como foi o nosso caso, sabe como é difícil mobilizar as famílias para a participação no quotidiano do idoso. Mas será que esta demissão crescente das famílias se deve à predominância de um sentimento egoísta e a um quebrar progressivo dos laços de amor, respeito e tributo recíproco, ou será que a família se confronta com obstáculos ao seu desempenho que dificultam o cumprimento das suas obrigações relativamente aos mais idosos?

Segundo Guimarães, em Actas do VI Seminário Nacional do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1999), há algumas barreiras que podem influenciar o desempenho familiar e que contribuem para o afastamento das gerações e para a ruptura do sinalagma de entre ajuda:

- Desvalorização do indivíduo em razão da idade.
- Indisponibilidade dos elementos jovens da família.
- Insuficiência de estruturas e serviços.
- Ausência de uma política de família que abrange todas as gerações.
- Concepção estatizante de protecção social.
- A defesa de um direito individual à felicidade.

A passagem à situação de reformado e a consequente perda de poder económico, a gradual diminuição de capacidades e alguma resistência à mudança, podem originar uma perda de estatuto da pessoa idosa no contexto da sua família e da sua casa.

O ritmo de vida acelerado, o duplo ou triplo emprego, a educação dos filhos, as obrigações sociais, as horas de lazer e o tempo gasto na cultura não deixam margem para cuidar dos que estão mais frágeis. Por vezes, a solução mais fácil para resolver os problemas dos idosos e respectivas famílias, é o recurso à família artificial. A insuficiência de estruturas de apoio temporário, o deficiente apoio domiciliário e a solução rápida com o recurso à institucionalização sem pensar no apoio à família e respectivo idoso contribuem assim para o afastamento de gerações.

No que diz respeito à política de família, no artigo 67 da Constituição, as medidas de protecção da família privilegiam a perspectiva da maternidade e da paternidade, remetendo para segundo plano os deveres decorrentes da filiação. No entanto, a Resolução do Conselho de Ministros nº 7/99, de 9 de Fevereiro, traz uma nova esperança, ao apontar medidas promotoras de uma concepção alargada e responsável de família, nomeadamente nos domínios da habitação, trabalho e direito fiscal.

Outra questão, entre nós extremamente frequente, é o facto das pessoas entenderem que o pagamento de impostos é a única obrigação social que as une ao Estado e que portanto, este é o único responsável. Ou seja, através do pagamento do imposto sobre o rendimento, consideramo-nos libertos de todo e qualquer outro dever perante os outros, mesmo quando se trata de um familiar nosso. A antiga ideia de que os filhos e os netos teriam de garantir a habitação dos avós, caiu no esquecimento.

O nível de stresse atingido por nós nunca esteve num patamar tão elevado, e um pouco de tempo que seja necessário dispensar para cuidar de um idoso por vezes é “missão impossível”. No entanto, para outras actividades mais fúteis há sempre tempo.

Neste cenário onde cabe o direito individual à felicidade? Será que para sermos felizes, outros não o poderão ser?

Percebemos então que o mundo contemporâneo favorece o modelo familiar que dá prioridade ao imediato, à satisfação dos momentâneos prazeres da vida, perdendo-se em consequência, o sentido dos compromissos tornando-se desta forma a família uma estrutura instável. As mudanças não ocorrem exclusivamente nas estruturas, atingem em particular as mentalidades e as atitudes, “... as famílias não são mais o espaço por excelência de afectividade e de amor, muito menos de realização pessoal.” (Fernandes A, 1994).

Segundo Saraceno, citada por Imaginário (2002) “... a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais.”. Esta mesma autora defende que a estrutura da família não faz referência nem ao número de elementos nem a uma qualquer actividade, mas ao tipo de vínculo existente entre os elementos de uma convivência, destacando-se entre eles o vínculo de afinidade, de consanguinidade, de casamento e de dependência. Tendo por base esta perspectiva, a estrutura da família define-se pelo modo como as pessoas que a constituem se posicionam ao longo de dois eixos, respectivamente horizontal e vertical, pelas relações de sexo e pelas relações geracionais.

As crises contemporâneas da família emergem do conflito “... entre a necessidade de segurança, de estabilidade afectiva, e as exigências de autonomia, de realização individual que no contexto tradicional permaneciam insatisfeitas” (Slepoj, cit. por Imaginário C, 2002).

A instituição familiar requer a construção de uma nova dinâmica relacional para prover às necessidades das gerações em interacção, confrontando-se essencialmente com

três tarefas de reestruturação “... facilitar a saída dos filhos de casa (...) à construção autónoma das suas próprias vidas.”, “... renegociar a relação de casal, agora centrada na meia idade.”, “...aprender a lidar com o envelhecimento, primeiramente face às gerações mais idosas e posteriormente face ao próprio” (Relvas, cit. por Imaginário C, 2002).

Esta reestruturação assenta na transformação de papéis, funções e estatutos, no que concerne ao envelhecimento. Requer que os idosos sejam reenquadrados na família para que se promovam as relações de suporte, visando a resposta às incapacidades e necessidades de dependência crescentes e, do mesmo modo, realçar as potencialidades de autonomia e os seus direitos de dignidade “... a população idosa é proveniente de uma época com marcados valores culturais, nos quais a família ampliada exercia importante papel. Particularmente na sociedade rural a convivência com avós, tios e primos fazia parte do quotidiano; por outro lado, esta família ampliada, de alguma maneira, provia às necessidades de apoio de saúde dos seus membros.” (Leme e Silva, cit. por Imaginário C, 2002).

O aumento da esperança de vida, e conseqüentemente o envelhecimento no topo da pirâmide etária, pesa num dos pratos da balança de um fenómeno que J. M. Nazareth (1988) denomina de duplo envelhecimento da população, e que tem no outro prato da balança o declínio da fecundidade, o qual se traduz num envelhecimento na base da pirâmide etária. As projecções para 2020 referem que o peso dos idosos atingirá nesta data os 18,1% (INE, 1999).

Assim, hoje temos muito mais idosos, quer como proporção da população total quer em termos absolutos, causando deste modo um desequilíbrio entre o peso relativo das diferentes gerações, podendo estar na origem de graves problemas sociais. No entanto, o aumento do seu número só é preocupante pelo facto de se desenvolver num contexto desfavorável, em que um conjunto de outros factores como a diminuição da taxa de natalidade, a crescente instabilidade das formas familiares, a indisponibilidade da família para dar apoio efectivo aos idosos quer aos dependentes, quer aos independentes, a crise dos sistemas de protecção social, a despersonalização das relações sociais, agravam as

condições de vida dos mais velhos, excluem-nos dos sectores produtivos da sociedade e, conseqüentemente, remetem-nos para uma posição e um estatuto social desfavorável.

Só porque envelhece, o ser humano não perde necessariamente as suas capacidades. Pelo contrário, os seus saberes podem ser preciosos numa sociedade em transformação.

Posto isto, o termo idoso, é difícil de delimitar e concretizar, dado que o envelhecimento é um fenómeno que ocorre a vários níveis e varia de pessoa para pessoa.

“Os conceitos ligados às palavras velho, envelhecer, velhice e envelhecimento são muito complexos. O adjectivo velho, no grau positivo, significa deteriorado e aplica-se a coisas, pessoas ou animais; como substantivo refere-se exclusivamente a pessoas de idade avançada; já como adjectivo no grau comparativo tem apenas um significado cronológico.” (Morato, cit. por Imaginário C, 2002).

O envelhecimento é um fenómeno biológico, partilhado quer pelo reino animal, quer pelo reino vegetal. O ser humano não envelhece de uma forma brusca mas sim paulatinamente, pelo que a velhice se instala de uma forma que nem nos apercebemos. É sem dúvida, um processo multifactorial que provoca uma deterioração fisiológica do organismo, que não pode ter a sua origem adstrita a uma só causa nem a um só mecanismo sendo considerado como um fenómeno normal, universal, ligado ao processo de diferenciação e crescimento.

A característica mais evidente do envelhecimento é a diminuição da capacidade de adaptação do organismo face às alterações do meio ambiente. Esta baixa de adaptação aumenta com a idade e com a instalação de estados de doença.

Para Staab e Hodges (1997)², “as filiações étnicas e raciais ajudam a determinar não só as actividades individuais, mas também as forças e as respostas que os membros de muitas minorias mostram na hora de se adaptar à velhice”.

Envelhecer é transitar para uma nova etapa de vida, que deve ser vivida da forma mais positiva, saudável e feliz. Zimmerman (2000)³ diz que “...a velhice não é uma doença, mas sim uma fase na qual o ser humano fica mais susceptível a doenças.”

Robert (1995)⁴ refere que “o envelhecimento é caracterizado pela incapacidade progressiva do organismo para se adaptar às condições variáveis do seu ambiente.”

Na pesquisa que efectuamos pudemos verificar que são muitos os autores que têm procurado definir a velhice, sob vários pontos de vista. Reis (1980)⁵ considera-a “como uma fase da vida, (...) é o período em que a involução dos órgãos começa a ser evidente.”

No entanto, Lehr (1988) defende que se desenvolve no âmbito biológico e fisiológico, a nível psíquico e social, não se evidenciando exclusivamente nas funções somáticas, mas também nas psicoespirituais e nas estruturas sociais.

Para Timiras (1997) “o envelhecimento é a soma de todas as alterações que ocorrem num organismo com o passar do tempo”.

Para a Biologia, o envelhecimento é um fenómeno natural, universal e necessário. No entanto, não se pode reduzir o processo de envelhecimento somente à sua vertente biológica, como um facto programado de forma rígida e uniforme para todos os indivíduos. Relacionado com o conceito de envelhecimento, encontramos o conceito de idade que, segundo Levet-Gautrat (1985), pode ser utilizado em vários sentidos:

² Citado por Imaginário (2002)

³ Idem

⁴ Idem

⁵ Idem

- a idade cronológica, que se refere ao tempo que decorre entre o nascimento e o momento presente, e que nos dá indicações sobre o período histórico que o indivíduo viveu, mas não fornece indicações precisas sobre o estado de evolução do mesmo, ou seja, a idade cronológica diz muito pouco sobre cada indivíduo e não é suficiente para o definir;
- a idade jurídica, que corresponde à necessidade social de estabelecer normas de conduta e de determinar qual a idade em que o sujeito assume certos direitos e deveres perante a sociedade, mas que não corresponde a uma realidade biopsíquica;
- a idade física e biológica, que tem em conta o ritmo a que cada indivíduo envelhece. Os diferentes órgãos e funções vitais não envelhecem todos ao mesmo ritmo, daí que as diferenças intra-individuais sejam tão importantes como as interindividuais. Tem de haver prudência quando se atribui uma doença ou deficiência à idade, pois, muitas vezes os problemas advêm do ambiente e das condições sociais, económicas e culturais e não são inerentes à idade, tal como aqui é definida;
- a idade psico-afectiva, que reflecte a personalidade e as emoções de uma pessoa e que não tem, à partida, limites em função da idade cronológica. Um grande número de pessoas idosas não se sentem velhas e não se reconhecem como tal, são os outros que reflectem a imagem da sua velhice a partir da sua aparência. Um dos dramas do envelhecimento é o desacordo que existe entre o que sentimos e a imagem que de nós é construída;
- a idade social, que corresponde à sucessão de papéis que a sociedade atribui ao sujeito e que são correspondentes às condições socioeconómicas.

A maioria da literatura geriátrica e gerontológica aceita a idade cronológica para definir a pessoa como idosa, que apesar de ser pouco precisa é o critério mais utilizado. A idade de sessenta e cinco anos não é só aceite pela Organização Mundial de Saúde como também pela Organização das Nações Unidas para os países desenvolvidos.

A definição do que é uma pessoa idosa é extremamente difícil e geralmente muito imprecisa. É no entanto interessante a forma como Philibert (1984) o procura fazer. Segundo este autor, uma pessoa idosa é sempre uma pessoa com mais idade que a maioria daqueles que a rodeiam. Segundo as condições de vida, de trabalho, de longevidade da população média de referência e os seus costumes, ela pode ter 30, 40 ou 85 anos. Uma pessoa idosa, tem por isso, uma experiência de vida e uma memória mais longa. É uma pessoa que sabe que o tempo que tem para viver é mais curto do que já viveu e do que a maioria das pessoas que a rodeiam tem para viver: *“Une personne (plus) âgée, c’est toujours et partout, de celles qui l’entourent. Elle a de ce fait, réfléchi ou non, bien ou mal décantée, une plus longue expérience de la vie, des actions et des souffrances, des projets et des accidents, des joies, des peines, et des deuils, des succès et des échecs, dont la vie humaine est entretenue, elle a, précise ou confuse, fidèle ou capricieuse, exacte ou fantaisiste, une plus longue mémoire”* (Philibert M, 1984).

Hoje em dia, não é fácil estabelecer os limites em que começa e acaba a terceira idade, pois se a idade da reforma (65 anos) era um marco, artificial, mas seguro, do início da velhice, hoje as pessoas reformam-se cada vez mais cedo por razões que não se relacionam com a idade (desemprego, incapacidade, reforma antecipada), tornando difícil definir quem é, e quem não é idoso. Por outro lado, o período da velhice é cada vez mais longo, o que coloca em causa a passividade que a sociedade tem atribuído a estes indivíduos. O papel do idoso na sociedade deve ser repensado, pois não se pode conceber que as pessoas enfrentem cerca de um quarto da sua vida como algo isento de sonhos, ideais e projectos.

Face às condições nada favoráveis que a nossa sociedade tem para oferecer em termos de emprego como o avanço tecnológico e a elevada taxa de desemprego dos jovens emerge uma ideologia que deixa de considerar o trabalhador idoso como um trabalhador com experiência e conhecimento acrescido de valor com capacidade para transmitir esse seu conhecimento, e que passa a vê-lo como incapaz, lentificado na execução e portador de faculdades diminuídas. “*Cette image du travailleur âgé inutile renvoie à la perception générale des personnes retraitées dévalorisées parce que,elles ne participent plus au project productiviste*” (Massé *et al.*, 1984). Segundo esta autora, a partir desta imagem criam-se outras ainda mais constrangedoras, como por exemplo a tendência para atribuir aos idosos os males da sociedade e a culpa pelas dificuldades económicas que se enfrentam. Assim estas pessoas são marginalizadas, o que conduz à passividade aumentando assim a dependência. Origina-se então uma imagem de marginalidade e dependência a que muitos idosos estão sujeitos, e que não é necessariamente consequência do envelhecimento biológico.

Uma vida passiva e a ausência de motivação impedem os indivíduos de governar o seu próprio destino e de se auto - promoverem, o que origina nos outros uma atitude paternalista, com tendência para cuidar, pois pensa-se nestas pessoas como desprovidas de qualidades e de meios necessários para exercer um papel activo e autónomo na sociedade. Vê-se o velhinho (erradamente) como o “coitadinho” (Barreto, 2006).

Face à redução do estatuto económico e por vezes em situação de doença, os idosos sentem-se desamparados e inúteis. Contudo, por vezes aqueles que fizeram planos e desenvolveram outros interesses e hobbies para além do seu trabalho laboral, estes anos podem traduzir-se numa época de alegria e satisfação.

É importante então que o idoso mantenha o seu equilíbrio emocional e psíquico. Para isso terá de se manter activo, ter objectivos e continuar a aprender a elaborar projectos. Face à situação de reformado torna-se difícil reorganizar o dia a dia, há muito tempo livre e uma completa ausência de horários e responsabilidades laborais. A vida conjugal tem de se acomodar a um novo convívio, pois a saída dos filhos de casa, por um

lado, e o abandono da actividade profissional, por outro, revelam-se num significativo aumento do tempo a partilhar com o cônjuge.

O processo de adaptação do idoso às novas situações, nomeadamente a reforma, a viuvez, um maior afastamento dos filhos entre outros factores, poderá ser difícil. Portanto a tomada de consciência ao longo dos anos para esses possíveis acontecimentos e a preparação da sua ocorrência pode ser uma boa forma de evitar reacções menos positivas por parte do idoso.

Numa visão positivista, a adaptação social do idoso realiza-se através de um processo de substituição e redução de actividades, ou seja, substituem-se as actividades a que anteriormente se dedicava por outras que, não tendo o mesmo objectivo (remuneração e reconhecimento profissional), podem ser igualmente gratificantes, afirmando-se como úteis e proveitosas para a família e para a sociedade e assegurando o merecido reconhecimento social. Pode ser mais prejudicial a passagem súbita ao descanso permanente, do que a actividade para a saúde global do idoso. A reforma não tem de ser necessariamente um acontecimento negativo, mas o idoso, tal como toda a pessoa que inicia uma nova etapa da sua vida, sente-se inseguro aquando da chegada deste momento.

A actividade profissional, mais do que uma fonte de rendimento, é uma forma de integração social e afirmação pessoal. O indivíduo que entra na reforma sente-se muitas vezes, deslocado e não sabe onde investir o seu tempo e energia. Reforma essa, que de um modo geral é reduzida, podendo conduzir ou acentuar situações de pobreza.

São várias as ideias que existem sobre os idosos, que de uma forma ou outra acabam por condicionar a maneira de ser e estar das mesmas. Uma das imagens mais vulgarmente divulgadas, e que dá origem a muitas outras, é a de que o idoso tem as suas capacidades ou aptidões muito limitadas. No entanto, se é verdade que se verificam alterações, essencialmente a nível fisiológico, que podem condicionar os seus modos de vida, também é certo que o envelhecimento não é uma doença, embora esteja associado a certas limitações. Moragas (1991) identifica alguns dos níveis onde essas limitações se podem manifestar:

- a nível biológico, a evolução é variável, mas de um modo geral os tecidos perdem alguma flexibilidade e os órgãos e sistemas reduzem a qualidade e velocidade das suas funções. Geralmente associa-se o envelhecimento ao surgimento de incapacidades, de várias doenças e essencialmente, à demência senil. Se as capacidades físicas diminuem, há que pensar em papéis sociais atravessados por menos tensões, e que permitam viver de acordo com as menores possibilidades vitais. A velhice tem potencialidades próprias que implicam uma relação especial com o meio e que não podem ser determinadas pelos jovens, com outro tipo de valores, de capacidades e de perspectivas;
- a nível psíquico, as perdas não são tão significativas como se pretende fazer crer. Se, por um lado, a memória imediata pode diminuir, por outro, a memória remota é exemplar, sendo os idosos frequentemente associados ao que vulgarmente se chama “a memória viva de um povo”. A inteligência e a capacidade de aprendizagem, desde que exercitadas, podem continuar a progredir. É disso exemplo o número de pessoas que começam a frequentar as universidades para a terceira idade e que conseguem concretizar sonhos antigos ou descobrir novos talentos e interesses. Relativamente à personalidade, os estudos têm demonstrado que existe uma consistência da mesma; a maioria dos idosos mantém as mesmas características de personalidade sempre que o meio o possibilita, ou seja, o meio social tem uma influência determinante na maior ou menor estabilidade do idoso;
- ao nível social, as limitações que o idoso enfrenta devem-se mais às barreiras impostas pela sociedade do que às suas próprias características. Deste modo podemos dizer que os papéis sociais do idoso são reduzidos e desvalorizados, o que condiciona o seu estatuto e a sua posição na sociedade.

Associado à perda de capacidades, está o mito da improdutividade, através do qual se afirma que o idoso não é capaz de trabalhar, de ser criativo e de contribuir com algo positivo para o desenvolvimento da sociedade. Um outro conceito que estigmatiza os idosos é o da assexualização. No entanto, o interesse e a actividade sexual mantêm-se, assim como a necessidade de afecto e de companheirismo. O facto de não se lembrar ou trocar o nome dos netos, o não respeito pela sua privacidade e pudor, violando deste modo o respeito pela dignidade humana são formas de exclusão, discriminação e estigmatização em função da idade que podem ser considerados como formas de violência, que são exercidas de um modo mais ou menos subtil, mas que não precisam de implicar agressões físicas para provocar graves sequelas nestes indivíduos (Barreto J, 2006).

Também o modo como muitos idosos se vêm privados dos seus direitos mais elementares pode ser entendido como uma forma de violência e de desvalorização do seu papel social. “Garantir que os direitos de todos são reconhecidos para além dos 65 anos, constitui para além de um dever de cada um de nós, também uma forma de dignificar aquele estágio de vida que a sociedade convencionou iniciar-se em meados da sexta década de vida de cada um.” (Marques S, 1999).

Contudo, não podemos considerar os idosos como uma categoria homogénea, o que nos leva a relativizar todas as afirmações que possamos proferir, pois cada indivíduo idoso tem a sua história de vida, a sua personalidade e é condicionado por um conjunto de factores que tornam a sua existência única, ainda que partilhando experiências sociais com outros.

Na nossa sociedade, a idade da reforma não é devidamente acompanhada e preparada, as pessoas são simplesmente dispensadas. Esta atitude socialmente vulgarizada impede que as pessoas idosas apreciem e assumam os valores positivos da velhice.

Um idoso rejeitado pela sociedade, no momento da reforma sofre de insegurança, envolve-se de medos e com pressentimentos mórbidos, acabando por adquirir um comportamento narcísico de isolamento, padecendo de solidão e acabando por se deprimir.

Por outro lado, sente que perdeu o trabalho, o dinheiro, o prestígio social, os familiares e os amigos.

Envelhecer representa um fenómeno universal, pelo que é encarado pelo homem com alguma expectativa e apreensão. Os traços e diferenças individuais acentuam-se com o decorrer da idade, emergindo novos desafios e objectivos que deverão ser enfrentados pelo idoso de uma forma construtiva.

Para compreender o processo de envelhecimento é necessário compreender de forma holística os aspectos individuais e colectivos da vida e, por sua vez, uma consciencialização de que as pessoas não envelhecem todas da mesma maneira.

Este deve também ser visto como um processo pessoal, dado que os órgãos corporais não envelhecem todos ao mesmo ritmo. Por outro lado, é relativo, uma vez que se manifesta ou produz em função da saúde e da eficiência do indivíduo.

Muitos dos medos de envelhecer têm a ver com o modo como a sociedade percebe a velhice. Por outro lado existe um medo inevitável do indivíduo em deteriorar-se.

É urgente cultivar uma perspectiva de orientação para o estado de maturação, contrariando a tendência actual que considere a velhice como sendo a última metade da vida, um declínio, um processo de degeneração que conduz à incapacidade, a um auto-conceito negativo e a uma baixa auto-estima, tendo a morte como resultado final. Este trajecto é fundamental, para que, nós que pretendemos ajudar os nossos idosos a adaptarem-se ao processo normal do envelhecimento e aos problemas que daí possam advir. Consoante as diferentes culturas, assim se encara a velhice. Para umas é algo de promotor, dado que com a idade se adquire sabedoria. Para outras é algo que só corresponde a medo.

Por outro lado, nós, como a sociedade que os rodeia e de um modo mais restrito a família temos o dever de compreender que a integração social do idoso é o caminho para

lhes minimizar a dependência, preservar a autoconfiança e contribuir de forma positiva para uma velhice bem sucedida.

“O isolamento, a miséria, a inactividade e a desvalorização podem ser factores de stress importantes que comprometem o equilíbrio físico e psíquico por vezes frágil dos idosos (...) as pessoas idosas bem integradas no meio são capazes de adoptar uma atitude psicossocial positiva, isto é, reconhecer que fizeram bem aquilo que tinham a fazer, e de encarar com serenidade a proximidade do fim”. (Berger L, 1995)

Na perspectiva de Santos (2000), é fundamental que o idoso permaneça ocupado, isto para que o confronto com a reforma seja minimizado. É de extrema importância que o idoso se mantenha activo, tendo como finalidade abrandar a evolução do envelhecimento. O idoso e a sociedade necessitam de uma educação para a velhice, para o descanso e para aproveitar e desfrutar o tempo livre de que dispõe, como também proporcionar-lhe distrações, manter amigos, viver em família e acima de tudo viver acompanhado.

1.2 Compreendendo a importância do conceito de dignidade no envelhecimento

As definições de dignidade humana fundamentam-se na filosofia ocidental e remontam a uma distância temporal longínqua, se considerarmos alguns dos seus elementos precursores.

Já na antiga Grécia, os filósofos pré socráticos, sem referirem a dignidade de forma directa, mas apostados numa visão cosmológica do homem e do mundo, se preocupavam em reflectir sobre os valores subjacentes à acção humana (Marcos B, 1999). As suas preocupações comportam a atribuição de um valor às capacidades do homem, afirmando que o bem por ele realizado deriva de uma bondade que o ajuda a evitar o erro e a aproximar-se da perfeição.

Introduzem, a partir dessas reflexões, a noção de acção moral⁶, e que esta possui, como fim a atingir, o próprio bem. Também deixam transparecer a ideia de que o sentido da vida humana se traduz na aproximação à perfeição.

Simultaneamente, os Sofistas, ao tomarem o Homem como a medida de todas as coisas, atribuem-lhe uma supremacia que evidencia a sua dignidade, uma vez que a consideram como a capacidade do Homem em destrinçar e determinar o bem e o mal. (Abbagnano N, 1991)

O Homem constitui para eles, a escala de mensuração para o bem e para o mal, em que um e outro tornam possível a visibilidade da dignidade, através da acção que o Homem desenvolve.

No que diz respeito ao estudo do conceito da dignidade humana, destacam-se dois autores.

⁶ Acção moral enquadra-se numa teoria de bem e de mal e significa os actos e intenções que pretendem aproximar-se do bem.

O primeiro, refere-se a Giovanni Pico Della Mirandola (1999), um ilustre representante do humanismo renascentista, que escreve um texto que se torna famoso na sua época, que sobrevive aos efeitos do tempo e que se denomina *Discurso sobre a Dignidade do Homem*.

O problema da dignidade humana é percebido no seu discurso, quando Mirandola exalta o valor do Homem e o lugar central que este ocupa no universo. Atribui ao Homem uma origem divina e às suas acções razões teológicas. Considera o Homem como um grande milagre.

Considera o Homem digno de admiração pelo facto de lhe ter sido atribuído por Deus, o poder de decidir sobre o seu próprio destino, isto é, tomar consciência da sua própria liberdade, podendo autodeterminar-se. No entanto, refere também que é a acção que o Homem desenvolve ao longo da sua vida que decide o seu caminho. Preconiza que, se a decisão do Homem for agir de forma a ultrapassar as discórdias entre os homens, o fim desse caminho constituirá a paz e a felicidade, por ter escolhido ser um dos eleitos de Deus.

Este discurso denota uma responsabilidade e um compromisso moral que orienta o agir humano. O Homem, na sua dimensão terrena, é dignificado e a felicidade constitui o horizonte do seu agir. É-lhe então, conferido o dever moral de desenvolver uma acção de acordo com esse horizonte.

O segundo marco vem a ser Emanuel Kant, um filósofo alemão do século XVIII, que dedicou algum do seu tempo de estudo a tentar definir e compreender a dignidade humana. Ao debruçar-se sobre a problemática do conhecimento e acção do Homem, a partir das questões como:

- *O que posso conhecer?*
- *O que posso fazer?*
- *O que posso esperar?*⁷

Kant fornece contributos essenciais para compreensão da dignidade humana.

⁷ Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática e Fundamentação da Metafísica dos Costumes

A dignidade constitui, para o autor, uma característica intrínseca ao Homem, à qual não é possível atribuir um equivalente, ou seja, um preço. Esta característica pertence à dimensão pessoal do Homem e para Kant, uma pessoa apresenta dignidade por se situar acima de qualquer preço, não sendo possível a sua substituição.

Kant refere ainda que a condição que impõe ao ser humano que ele seja considerado um fim em si mesmo e não apenas um valor relativo ou comparável com outro, é a dignidade. A dignidade constitui, deste ponto de vista, uma qualidade moral⁸ fundamental, da qual decorrem todos os outros valores.

Kant afirma a pessoa moral como pertença de uma natureza existente para além do mundo sensível, um ser único e um fim em si mesmo, que se encontra sujeito à sua própria vontade. Esta vontade decorre da associação de dois elementos fundamentais: a faculdade de razão que a pessoa humana possui, e a sua liberdade para escolher e agir. Ao processo de interacção entre estes dois elementos, Kant apelida de “razão prática”. Afirma também, que a razão humana relaciona as máximas da vontade com todas as acções do Homem consigo próprio e com os outros, devido à ideia de dignidade. Assim, a autonomia do ser humano deve desenvolver-se de tal forma que as leis a que ele obedece são as mesmas que ele próprio cria. Mas o autor assume que esta autonomia se avalia pelo respeito do Homem por si próprio e pelos seus semelhantes. Daqui resulta que a “autonomia”, avaliada pelo “respeito”, constitui o fundamento da “dignidade”.

No desenvolvimento do processo moral, Kant «considera a própria moralidade da acção a única condição que torna possível ao homem ser considerado um ser digno. A moralidade da acção decorre, segundo Kant, da própria vontade do homem e, neste contexto, afirma a seguinte lei: “age de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma lei universal”.

É através desta lei que toda a acção humana se desenvolve e explica. A mesma lei que Kant apelidou de fundamental pretende ser a expressão clara da faculdade humana racional, traduzida numa lei universal e, portanto, moral.

⁸ Orientada por princípios de conduta considerados como universalmente válidos

As bases nas quais assenta a moral kantiana situam-se na universalidade da vontade do homem, traduzida nas acções por si desenvolvidas, qualquer que seja o contexto. A vontade é aqui sinónimo de dever, ou seja, corresponde a algo que denomina de *imperativo categórico* da acção, inerente à natureza do próprio homem, não fundamentado em condições exteriores, mas na sincronia interna entre querer e dever. O Homem na sua natureza ontológica quer enquanto deve e deve enquanto quer, sem que um ou outro aspecto assumam diferentes sentidos. Para Kant, querer e dever apresentam-se como sinónimos, e deles decorrem os valores existentes na moral humana.

Mas a moral só assume um cariz verdadeiramente prático quando é transformada em normas de conduta capazes de a tornar mais compreensível para o ser humano. Essas normas subentendem os princípios morais a respeitar e reportam-nos para o domínio da Ética.

O conceito de dignidade tem vindo a sofrer variações de sentido que têm oscilado entre o valor teológico e o domínio ético.

Poderíamos atribuir a responsabilidade da dimensão ética do conceito da dignidade humana a Aristóteles. Discípulo de Platão e considerado o pai da Ética devido aos seus escritos fundamentais, entre os quais o célebre “Ética e Nicómaco”, (Abbagnano N, 1991; Marcos B, 1999), Aristóteles fornece-nos uma nova forma de encarar a moral e tenta aproximá-la da compreensão e da acção do Homem, através da criação de um código ético de significados para acção.

Aristóteles (Abbagnano N, 1991; Marcos B, 1999) afirma a ética como resultado do costume e define dois tipos de virtudes: as virtudes morais e as virtudes intelectivas. Às virtudes morais, o autor considera-as como disposições de escolha do justo meio, capazes de desencadear a acção do ser humano. Entre as virtudes morais que Aristóteles considera mais importantes encontra-se a justiça, que se apresenta como virtude total, perfeita e orientadora das acções, fundadora do direito dos homens, que é aplicada na sua vida social.

As virtudes intelectivas constituem, por seu turno, as capacidades da razão que possibilitam ao Homem a demonstração das mesmas, através da sua acção, do seu hábito, da sua ética. Nesta medida, o homem que tem o hábito de praticar a justiça torna-se justo e o homem que pratica o bem torna-se bondoso.

Cada cultura determina os códigos de comportamento individual e social e estabelece os limites da acção dos seus membros. Qualquer código cultural terá, pois, implícitos os padrões aceitáveis ou inaceitáveis, justos ou injustos, bons ou maus, correctos ou incorrectos.

Nesta abordagem, pode-se afirmar que a dignidade se relaciona sempre com a vida, o bem, a justiça e a verdade e portanto com os conceitos de família e envelhecimento.

A dignidade é uma qualidade humana fundamental. Ou seja, a dignidade não adquire sentido, se não considerarmos o primeiro de todos os valores, que é a vida. A vida constitui o valor mais imprescindível a considerar, pois constitui a razão da existência do Homem e o que dá sentido a todos os outros valores. Só na medida em que vive é que a pessoa humana existe e a expressão da sua existência ocorre num mundo do qual faz parte integrante. Por consequência, só na medida em que existe é que o Homem pode expressar a sua dignidade.

Diversas acções têm sido realizadas por parte de uma minoria humana com poder no mundo que, para além de outras consequências, revelam, de acordo com um documento emanado do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1999), um total desrespeito pela dignidade dos seus semelhantes. Santos (2002) expressa esse aspecto de forma clara quando afirma que a “dignidade humana respeitada naturalmente pelas sociedades rudimentares passou a ser desrespeitada e aviltada, impondo aos oprimidos e escravizados às mais indignas situações, com a degradação de suas culturas, a negação da sua liberdade”.

Actualmente podemos observar a ocorrência de situações sociais e políticas que denotam a existência de um paradoxo entre a consciência e a acção dos homens, quando escutamos afirmações que pretendem justificar actos de guerra, como sendo realizados em nome da paz. Estas e outras razões constituem motores que impulsionam a necessidade de repensar o verdadeiro valor da vida humana.

Considerar a vida humana e os direitos a ela inerentes qualquer que seja a idade da pessoa constituem as principais razões que têm levado à ênfase da reflexão sobre o problema da dignidade do homem e à criação de códigos internacionais de conduta.

Neste contexto, as reflexões sobre a vida e a dignidade humanas, o seu valor e a sua consideração, abrem caminho à necessidade de universalizar com efectividade os direitos e deveres da humanidade, estatutando-os de forma universal. Assim tem vindo a ser criada uma Deontologia que expressa de forma inequívoca os princípios éticos a atender quanto ao respeito pelos valores morais da humanidade. É o caso da Declaração Universal dos Direitos do Homem (Serrão D, Nunes R, 1998), que surge em 10 de Dezembro de 1948. Pode ler-se no preâmbulo da Declaração:

“Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”.

Por outro lado, ao assistirmos ao desenvolvimento das Biociências que se enquadram na área de investigação da vida humana, observamos que ele tem levado ao aparecimento de novos códigos internacionais de conduta que para ela se dirigem com maior especificidade.

Os códigos internacionais que têm vindo a surgir neste âmbito inserem-se num conceito mais recente de ética, designado por Ética da Vida ou Bioética. Mais do que a Ética da Vida, a Bioética diz respeito a todo o tipo de manipulação externa dessa vida.

Assim sendo, o homem depara-se hoje com a necessidade premente de delimitar, de forma cada vez mais precisa, os domínios de actuação em áreas como a Biomedicina, a Engenharia Genética e a Biologia, de forma a tornar conciliáveis actividades biomédicas e respeito pelos valores morais.

Pelas mesmas razões, a dignidade tem vindo a ser considerada e referida em todos os documentos internacionais que têm sido elaborados no domínio da Bioética, dos quais se pode tomar como exemplo a Convenção Internacional sobre os Direitos do Homem e a Biomedicina, de 19 de Novembro de 1996 (Serrão D, Nunes R, 1998), cujo título se transcreve à letra:

“Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e da Dignidade do Ser Humano Relativamente às Aplicações da Biologia e da Medicina: Convenção Sobre os Direitos do Homem e a Biomedicina”.

Outros exemplos podem ser citados, como o “Protocolo Adicional à Convenção para a Protecção dos Direitos do Homem e da Dignidade do Ser Humano Relativamente às Aplicações da Biologia e da Medicina: Convenção Sobre os Direitos do Homem e a Biomedicina, que Proíbe a Clonagem de Seres Humanos”, ou ainda a Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos do Homem, de 11 de Dezembro de 1997, que na sua primeira alínea, que diz respeito à “Dignidade Humana e o Genoma Humano” (Serrão D, Nunes R, 1998).

Na sequência das convenções universais, também no contexto de cada cultura, de cada país, a preocupação com a salvaguarda da dignidade constitui uma realidade em termos legais, sendo a responsabilidade de a legislar atribuída ao Estado.

Nesta perspectiva, a Constituição da República Portuguesa (1994) expressa de forma clara no seu artigo 1º que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária”.

Canotilho e Moreira, nas anotações que efectuam à 3ª edição da Constituição da República Portuguesa (1994) referem a dignidade como base da república ligada à garantia constitucional dos direitos fundamentais do homem, que confere unidade aos direitos pessoais. O direito à vida, à integridade física e moral e outros, bem como aos direitos sociais, traduzidos no direito ao trabalho, à habitação e à saúde constituem alguns dos referidos. A dignidade humana é ainda considerada como um valor autónomo inerente aos homens pela simples razão de serem *personas*⁹.

Renaud (1999), afirma que, para além do reconhecimento nacional da dignidade humana, o seu reconhecimento internacional e político como característica inviolável do homem representa uma valorização inquestionável no relacionamento entre os homens e que o acordo desse princípio ético constitui um elemento fundamental para tornar possível a coexistência pacífica dos indivíduos e das nações.

No entanto, Renaud (1999) considera que os acontecimentos sociais, científicos, políticos e económicos tornam frágeis os limites de aceitação da dignidade humana, uma vez que, pelos avanços da investigação científica e pelas políticas economicistas, o ser humano é reduzido a poucas das suas funções.

Também a velocidade com que o mundo e as ideias avançam, retiram ao homem a sua capacidade de assimilar os acontecimentos de forma crítica, o que origina a deturpação de valores e convicções, associadas à confusão das regras e modos de agir, de educar e de encarar a vida.

Como resultado verifica-se, segundo o autor, uma forma de tolerância que resulta da ausência de capacidade crítica. Esta insuficiência crítica origina a necessidade de diálogo, reflexões e acertos relativos a questões fundamentais, como a falta de controlo dos desvarios do poder e o valor da dignidade humana.

⁹ Deriva do étimo latino *persona*, que significa a máscara que os actores usavam no teatro e, por extensão, o próprio actor.

A dignidade apresenta-se, assim, como um conceito dinâmico, com uma inscrição espaço temporal e não apenas formal, que varia em cada cultura e na relação entre as diferentes culturas.

Deste modo, é perfeitamente compreensível que não possamos separar a família e o envelhecimento do conceito de dignidade, se envelhecer com dignidade diz respeito a todos nós, sociedade e comunidade mundial. Qual será então o contributo da família, em particular, para que este tipo de envelhecimento possa acontecer?

CAPÍTULO DOIS

APROXIMANDO-NOS À NATUREZA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

1. PERSPECTIVANDO O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Pretendemos conhecer as experiências dos idosos que sejam reveladoras de significados importantes do contributo da família para o seu envelhecimento condigno.

Vivência é definida por Abreu como um conjunto sequencial de estados variados de espírito, em relação ao mundo e aos objectos que lhe correspondem. Estes objectos podem corresponder a coisas, pessoas e ao próprio (corpo ou mente). (Freitas M, 2002).

Os estados de espírito traduzem, por sua vez, uma consciência, que se refere a algo, isto é, tomar consciência de algo.

Esse algo constitui, por seu lado, um objecto significativo que é entendido através do suporte cultural, educacional e experiencial de quem dele toma consciência.

Tomar consciência é um processo elementar de qualquer investigação. François Rabelais, na sua obra *Pantagruel* afirma que “ciência sem consciência, não é mais do que a ruína da alma”¹⁰.

A insuficiente investigação referente à vivência dos idosos independentes a viverem em contexto familiar, bem como a pouca importância dada a estas pessoas ainda activas, pertencentes à nossa sociedade e na qual têm um papel extremamente importante, intensificou a nossa consciência da necessidade de uma maior pesquisa e a motivação para a realização do planeamento do estudo que nos propusemos encetar do fenómeno.

A complexidade dos fenómenos que se manifestam no universo, aliados à necessidade humana de entendê-los e explicá-los, levam, de acordo com Lakatos e

¹⁰ Frase retirada de um apontamento antigo de Filosofia, que nos foi fornecido no 11º ano de escolaridade.

Marconi (1992), ao aparecimento do conhecimento científico, independentemente do estímulo que desencadeia o processo de pesquisa.

O processo ou caminho que o investigador percorre, rumo aos seus objectivos é vulgarmente denominado por método. Método pode ser definido de variadas formas sem que se observe uma grande variabilidade conceptual, uma vez que todas as definições apontam para o processo pelo qual se atinge um determinado objectivo. A este propósito, Trujillo, referido por Lakatos e Marconi (1992), define método como a forma pela qual o investigador procede ao longo de um caminho.

Seguindo uma tradição metodológica que se insere num paradigma positivista, a enfermagem tem realizado, à semelhança de outras áreas, um percurso que se prende com uma objectividade e rigor que se exigem dos tipos quantitativos de pesquisa. Estes estudos são centrados numa mensuração objectiva que toma o sujeito como passível de divisão nas suas partes constituintes (Sim-Sim M, 1997).

Segundo Carvalho (2003), a progressiva integração da enfermagem nas ciências humanas tem sido acompanhada por uma preferência crescente dos investigadores em utilizar métodos qualitativos de pesquisa. O aparecimento significativo e cada vez mais frequente de estudos qualitativos realizados por enfermeiros relaciona-se também com a necessidade de compreender a componente subjectiva dos sujeitos, para além do que é mensurável e visível objectivamente.

Esta perspectiva insere-se num paradigma construtivista de investigação que enfatiza a construção de realidades específicas que são internas aos próprios homens, que estão vinculadas aos seus contextos de vida e que dependem das suas próprias interpretações (La Cuesta C, 1997). É nesse paradigma que a presente pesquisa se insere.

Polit e Hungler (1995) descrevem a pesquisa qualitativa como holística e naturalista, na medida em que se direcciona para a complexidade dos indivíduos na sua totalidade, considerando os seus contextos naturais. Estas autoras estabelecem, como premissa de tal metodologia, que o conhecimento do Homem só se torna possível através

da descrição da sua experiência, experiência essa que corresponde ao cenário em que decorre a vivência e à definição dos próprios actores.

O contributo da família para o envelhecimento com dignidade, apresentando-se como um fenómeno inteiramente subjectivo e proveniente do mais íntimo de cada ser humano, adquire um molde que é fornecido pelo contexto onde as experiências ocorrem. Assim, a compreensão do contributo da família para o envelhecimento com dignidade a partir das vivências dos idosos constitui um fenómeno em que uma pesquisa de carácter qualitativo se revela apropriada.

1.1 Optando por uma abordagem fenomenológica

A partir de uma opção qualitativa, fomos induzidos para uma nova etapa, referente à eleição da forma de abordar o fenómeno das vivências dos idosos sobre o contributo da família para o envelhecimento com dignidade. A nossa escolha foi orientada para um tipo de abordagem fenomenológica, por duas razões: por considerar a expressão do contributo da família no processo de envelhecimento algo de muito particular e porque o significado das vivências dos idosos relativos ao contributo da família se apresenta como elemento ao qual atribuo uma importância fundamental para a compreensão do fenómeno e para o enriquecimento do nosso conhecimento.

A Fenomenologia corresponde a um movimento filosófico e uma metodologia de investigação e, como refere Heidegger (2001), é o estudo das essências que nos permite chegar à compreensão do ser. Também Ricoeur (1995) afirma a Fenomenologia como a forma através da qual o homem chega à compreensão de si.

A Fenomenologia, como metodologia de investigação, é aplicada ao estudo dos fenómenos humanos, em toda a sua complexidade e subjectividade, e dela decorre o conhecimento do próprio homem. Merleau-Ponty (1999), afirma a construção do

conhecimento a partir do mundo percebido por um todo humano individual que se encontra em união com esse mundo e do qual constitui uma representação viva.

De acordo com Carvalho (2003), a realização da consciência do homem no mundo e a compreensão do significado das experiências vividas apresentam muito do passado e, de acordo com van Manen (1997), constituem ponto de partida e chegada da experiência fenomenológica.

Deste modo propomo-nos a descobrir os eventuais significados do contributo da família, na perspectiva do idoso, a partir das experiências de um mundo que ele partilha.

A metodologia fenomenológica, entendida à luz de Husserl, seu fundador, tem subjacente um dualismo entre sujeito e objecto, entre homem e mundo, revelando as influências cartesianas. E é vulgarmente classificada como descritiva, em que as essências dos fenómenos devem ser descritas tal qual se apresentam à nossa consciência (Sim-Sim M, 1997).

No entanto, se entendida à luz de Heidegger (2001), a fenomenologia integra o Homem no mundo do qual é impossível separar-se e é considerada interpretativa ou hermenêutica.

Entre outros pressupostos, a fenomenologia hermenêutica considera o Homem um ser no mundo, no qual o homem desenvolve a sua actividade prática. No mundo, o Homem reconhece os significados das coisas, através das suas qualidades de distinguir qualitativamente os fenómenos que vivencia.

Uma vez que é capaz de atribuir uma importância aos fenómenos, o Homem constitui um ser auto interpretativo. Ricoeur (1999) corrobora esta ideia quando afirma que o Homem, na sua constituição e natureza, possui uma estrutura hermenêutica.

Também van Manen (1997) afirma que a actividade que corresponde à investigação das ciências humanas é a fenomenologia hermenêutica. Fenomenologia, porque constitui o

estudo descritivo da experiência humana vivida e hermenêutica porque corresponde ao estudo interpretativo das expressões dessa experiência.

Como refere van Manen (1997), a interpretação dos fenómenos constitui uma transformação das próprias experiências que ocorre de acordo com a sua sensibilidade e o seu conhecimento. Entendemos assim que, e de acordo com Morse (1996), os estudos fenomenológicos são formas de tocar a alma humana. Assim, seguimos um caminho que utiliza, como base de análise fenomenológica, a tarefa hermenêutica.

Decidimos então seguir a orientação do pedagogo norte-americano Max van Manen (1997), uma vez entende-la mais adequada à investigação do fenómeno em questão.

Os preceitos que nos guiaram para a escolha da orientação metodológica proposta por van Manen (1997), para além dos referidos ao longo deste trabalho, relacionam-se com a sua fundamentação do pensamento fenomenológico:

- A pesquisa fenomenológica direcciona-se para a investigação das ciências humanas. van Manen (1997) ensina-nos que a ciência humana é uma ciência do pensamento e da consciência e permite realizar reflexões sobre as vivências humanas. Os assuntos que investiga estão sempre ligados ao âmbito do significado do mundo humano vivido.
- A pesquisa fenomenológica focaliza-se no estudo da experiência vivida. van Manen (1997) afirma o pensamento fenomenológico como uma forma de pesquisar o mundo tal como é vivido, ou seja, tal como é experienciado. Como tal, a pesquisa fenomenológica não oferece a possibilidade de gerar uma teoria efectiva, mas apenas a possibilidade de um contacto mais directo com o mundo. A abordagem fenomenológica da experiência vivida implica ainda que o fenómeno tenha já ocorrido. Neste âmbito, van Manen (1997) afirma que a descrição e a reflexão da experiência vivida não podem ocorrer em simultâneo, pelo que a abordagem fenomenológica apresenta um carácter retrospectivo.

- A pesquisa fenomenológica é centrada no estudo dos fenómenos, tal como se apresentam à nossa consciência. Uma vez que é impossível, segundo van Manen (1997), descrever directamente a consciência, apenas se torna realizável a descrição dos fenómenos que se lhe apresentam.
- A pesquisa fenomenológica busca as possíveis estruturas dos significados da experiência humana. A pesquisa fenomenológica pretende compreender, de forma contextual, o que é verdadeiramente significante para o ser humano. O que é significante, só o é, porque se encontra enquadrado num determinado contexto (histórico, social e cultural).
- A pesquisa fenomenológica é o estudo das essências. Ela constitui uma tentativa sistemática de descobrir e descrever a natureza da experiência vivida, através das suas estruturas de significado interno (Freitas M, 1989).
- A pesquisa fenomenológica é a descrição dos significados da experiência vivida, tal como a vivemos. Ela visa interpretar e descrever os significados da experiência tal como a vivemos no nosso mundo, na nossa existência diária, com todos os seus elementos.
- A pesquisa fenomenológica é uma pesquisa científica. A fenomenologia assume-se como uma ciência e reclama para si o estudo científico dos fenómenos vividos. É **sistemática** porque usa formas de práticas de questionar tais como reflectir, focalizar e intuir. É **explícita** porque tenta articular os significados da experiência vivida, através dos conteúdos e formas dos textos. É **auto-crítica** porque examina, de forma contínua os seus métodos e metas, com vista a identificar os resultados e realizações da sua abordagem. Por fim, é **intersubjectiva**, na medida em que o investigador necessita de alguém (que pode ser o leitor) com quem desenvolver uma relação dialógica e validar a sua descrição do fenómeno.
- A pesquisa fenomenológica é uma actividade poetizante. Elaborar uma obra criativa e coerente que incorpora uma mensagem e que pode confundir-se com ela,

corresponde à actividade poética. Desta forma, van Manen (1997) defende o projecto fenomenológico como um projecto poético, na medida em que não se pode com eles fazer resumos ou conclusões. Ambos constituem projectos cuja essência lhes confere sempre uma possível continuidade. Sob esta perspectiva, também permite e estimula a criatividade do investigador.

Para além dos fundamentos expostos, van Manen (1997) defende também que a orientação fenomenológica não deve pré definir ou determinar um caminho. O método vai sendo encontrado pelo investigador, à medida da necessidade de resposta às perguntas que vão surgindo, e deve emergir no decorrer da própria investigação.

No entanto, apresenta alguns momentos que o investigador deve ter em consideração no processo de investigação fenomenológica. São eles:

- Aproximar-se à natureza da experiência vivida. O investigador percorre um caminho de aproximação até ao fenómeno pelo qual se interessa e que o compromete com o mundo.
- Investigar a experiência vivida. O investigador pesquisa a experiência vivida, tal como ela é vivida, numa perspectiva global, tentando absorver as suas modalidades e os seus aspectos.
- Reflectir sobre os temas essenciais. O investigador tenta procurar o obscuro dos textos, os temas que deles brotam, analisando-os de forma reflexiva.
- Descrever o fenómeno através da arte de escrita e reescrita. Escrever e reescrever constituem elementos do mesmo processo de interpretar e descrever os fenómenos.

van Manen (1997) refere mais dois momentos que apresentamos separadamente, por fazerem parte de todo o processo de pesquisa. São eles:

- Manter uma relação forte e orientada para o fenómeno.
- Fazer o balanço do contexto da pesquisa, considerando as partes e o todo.

A estrutura metodológica proposta por van Manen (1997) apresenta bastante flexibilidade e esse constituiu um dos motivos da nossa opção.

Os momentos recomendados pelo autor foram seguidos por nós. No entanto procederemos a algumas adaptações, quanto à sua apresentação neste trabalho.

Os dois primeiros momentos serão apresentados em capítulos separados, por corresponderem a etapas sequenciais.

Os dois momentos seguintes serão apresentados em capítulo único por se tornar indissociável, segundo as palavras do autor, separar o processo de análise e de escrita.

van Manen (1997) lembra-nos que interpretar e descrever correspondem a um caminhar único até ao discurso de alguém, tentando aproximar-se do que foge à nossa inteligibilidade.

Mais afirma que esse caminho é, habitualmente, uma actividade de escrita e que a fenomenologia corresponde à aplicação do *logos* (linguagem e pensamento) à experiência vivida, com o intuito de nos mostrar o fenómeno em si mesmo.

Quanto aos dois últimos, tentaremos que estejam presentes em todo o processo, numa relação dinâmica de orientação para o fenómeno e de reflexão sobre as questões contextuais e particulares da pesquisa.

No que concerne aos métodos e procedimentos concretos para a análise e interpretação da informação de que o investigador dispõe, van Manen (1997) não defende uma posição directiva, mas baseia-se e defende a criatividade do investigador.

No entanto, sugere uma série de procedimentos e considerações que devem ser respeitados na concretização do processo de análise e reflexão.

Quanto às considerações que o investigador deve ter em conta no processo de análise, são elas:

- O processo de interpretação de um fenómeno começa na própria conversa¹¹ com os informantes. A entrevista constitui um momento importante para discutir, explorar e compreender o fenómeno e os seus vários aspectos e constitui a sua primeira validação.
- A pesquisa fenomenológica é direccionada para o texto escrito. Assim, o investigador deve estar atento, durante o processo de análise, às subtilezas da linguagem e buscar os aspectos temáticos ocultos no texto.
- A interpretação do texto é sempre sujeita a transformações linguísticas, realizadas pelo investigador, para poderem tornar-se fenomenologicamente sensíveis e válidas.
- A análise-reflexão fenomenológica corresponde a uma análise temática, num acto livre de ver o significado. Ela corresponde à recuperação dos temas expostos ou ocultos no texto e determina a estrutura experiencial que caracteriza o fenómeno. Desta forma, dá significado, controle e ordem à investigação e à escrita.

No que se refere à abordagem dos textos onde se encontram narradas as experiências vividas, van Manen (1997) afirma que o que se pretende é que o investigador seja capaz de isolar os aspectos temáticos que dão significado ao fenómeno que se pretende estudar.

Existem, segundo o autor, três passos ou formas de abordar os textos, para isolar ou descobrir aspectos temáticos de um fenómeno. São eles:

¹¹ Utilizaremos indiscriminadamente, ao longo do trabalho, os termos entrevista ou conversa, de acordo com a terminologia usada por van Manen.

- Abordagem Holística ou Sentenciosa. O texto é apreendido como um todo e perguntámo-nos qual a frase que pode capturar o sentido global do texto ou o seu ser significante. Expressamos esse significado através de uma frase semelhante.
- Abordagem Selectiva ou de Realce. Procedemos à leitura repetida do texto e perguntamos quais as declarações ou frases que parecem particularmente essenciais ou reveladoras do fenómeno e que podem ser descritas.
- Abordagem Detalhada ou Linha-a-Linha. Nesta leitura procedemos ao elenco de todas as frases ou grupos de frases reveladoras de aspectos importantes do fenómeno. Ao estudarmos as descrições das experiências vividas, verificamos que os temas começam a repetir-se. Eles são então agrupados em frases que clarificam o seu significado. Em primeiro lugar, cada frase ou grupo de frases deve ser lido cuidadosamente e em seguida descobrimos o que cada frase ou grupo de frases revela acerca da natureza do fenómeno.

1.2 Partilhando a nossa experiência

van Manen (1997) refere a importância de considerar a experiência do investigador. Segundo o autor, um trabalho de pesquisa corresponde ao projecto de alguém. Esse alguém traz consigo uma história que corresponde à sua própria experiência vivida.

Também considera van Manen (1997) que a importância da experiência pessoal do investigador reside na possibilidade de esta poder corresponder a experiências vividas por outros.

van Manen (1997) refere ainda que, ao considerarmos a pessoa do investigador, não nos podemos abstrair que esta traz consigo uma história de vida que lhe atribui o seu lugar no mundo, a sua maneira de estar no mundo e a sua forma de ver o mundo, ou seja, a sua parcialidade.

Estamos conscientes de que a nossa história pessoal e a nossa vivência profissional interferem fortemente na forma de estar na vida e na profissão.

As vivências que experimentamos e as reflexões que fomos desenvolvendo ao longo da vida e de forma pouco fundamentada fornecem-nos a estrutura da nossa forma de pensar. Ela impele-nos para o estudo do contributo da família e é responsável pela nossa própria forma de o entender, ou seja, a nossa parcialidade.

Por ter dado apoio a um Lar de idosos, e a partir do momento em que tomamos contacto com inúmeros idosos, fomos nos apercebendo que muitos se sentiam tristes, enclausurados, abandonados e despidos de tudo aquilo a que estavam habituados. Quase todos referem terem sido “obrigados” a esta solução. No entanto, acrescentam: “Não há outra solução. Os meus filhos trabalham e eu já não tenho condições de ficar sozinho.” Penso sermos privilegiados em usufruir da companhia dos quatro avós, partilhando com eles a sua velhice. Vemos neles os nossos pais e daqui a alguns anos nós próprios.

Esta realidade, nova para nós, rapidamente nos fez parar para reflectir sobre questões éticas relacionadas com a dignidade inerente a esta fase da vida.

Sem dúvida, o idoso não se enquadra muito bem nesta sociedade que o humilha, que nem sempre o compreende e aceita. Com frequência, sente-se como um peixe fora da água numa sociedade que já não entende e não consegue acompanhar. Sofre por viver enclausurado em instituições desumanas, por receber reformas injustas, pela indiferença, pelo desprezo e pela falta de ternura...

Os nossos idosos, não obstante a todos os esforços feitos, ainda passam por muito sofrimento físico, moral e até espiritual na última etapa da vida!

É o silêncio, a indiferença, o esquecimento...

Claro que ainda há idosos que vivem a sua velhice de uma forma feliz, com todas as condições a que têm direito: amor, carinho, ternura e conforto daqueles que lhe são mais queridos, quer sejam familiares ou não. Muitos adoptam o papel de “pais” dos seus netos, ficando a seu cargo a sua educação, o que os faz sentir úteis à família e à sociedade, pois apesar de já não exercerem uma actividade profissional, podem demonstrar desta forma que ainda há muita coisa que podem fazer.

Posto isto, há então uma série de questões éticas que se levantam perante este tema – a velhice –, uma etapa que todos gostaríamos de viver, especialmente se soubermos que ao longo da vida se vão criando condições para que esta fase seja calma, pacífica e se possível rodeada daqueles que mais amamos.

Não será justo também, afirmar que todos os agregados familiares violam o pacto familiar, pois na sociedade portuguesa é ainda poderoso o papel assegurado pela família. Tal como refere Fernandes(1997) a “instituição familiar é ainda o garante da solidariedade necessária aos ascendentes em situação de velhice”.

Este suporte de apoio deve ser estimulado e protegido, para que a família se torne “um espaço de trocas” onde há lugar para todas as idades.

Infelizmente e em contraste a esta situação, há famílias que adoptam uma posição de demissão de toda e qualquer obrigação em relação aos seus idosos.

Mas o que nos dirão os idosos?

O que pensarão eles sobre o contributo da família para envelhecerem com dignidade?

São experiências como as que acabamos de descrever (pessoais ou profissionais) que nos fazem sentir a convicção de que o contributo da família para o envelhecimento com dignidade é algo que nos merece, pelo menos, alguma reflexão.

Estamos convicta que o nosso percurso nos inspirou para a realização desta pesquisa, quer no que se refere ao tema escolhido, quer no que concerne à escolha do enquadramento metodológico.

Ao enveredar por uma metodologia que tem por base a análise fenomenológica, estamos também consciente da inexistência de um sistema de conceitos previamente estabelecidos, uma vez que, como afirma La Cuesta (1997), o investigador apresenta as interpretações da experiência vivida sem um desenvolvimento teórico prévio.

No entanto, van Manen (1997) refere que o investigador possui uma tendência natural para mediatizar a investigação sobre os fenómenos, sob influência do seu corpo de conhecimentos. Esses conhecimentos fazem parte do seu pré entendimento ou, como referimos anteriormente, da sua parcialidade.

A parcialidade existe sempre no investigador, mas, ao ser por ele consciencializada, pode entrar numa posição de suspensão ou *bracketing*, expressão utilizada originalmente por Husserl (Manen M, 1997; Kohen *et al*, 1998).

Nesta perspectiva, o investigador deve, segundo van Manen (1997), assumir e aceitar as suas crenças, teorias e entendimentos sobre o fenómeno que se propõe estudar.

Deve também executar uma tentativa de voltar o seu conhecimento contra ele próprio tal como era, para, deste modo, o expor no seu carácter superficial ou oculto.

Na sequência das recomendações de van Manen (1997) é exactamente esta posição de suspensão que pretendemos evidenciar, colocando-nos em confronto com o nosso pouco conhecimento pessoal, num acto de consciencialização voluntária, cujo resultado expomos em forma de síntese.

As considerações seguintes revelam o nosso pensar sobre o envelhecimento, família e dignidade humana e resultam da aprendizagem adquirida ao longo da nossa experiência pessoal e profissional. Assim, entendemos que:

- A instituição familiar deve ser estimulada.
- O Ser Humano só porque envelhece não perde necessariamente as suas capacidades.
- A velhice constitui uma ameaça real à dignidade.
- Muitas das formas de envelhecer têm a ver com o modo como a sociedade percebe a velhice.
- O idoso não é um subjugado.
- Ser idoso não é sinónimo de dependência.
- É fundamental para o idoso permanecer ocupado.
- Os factores sociais, económicos, culturais e o estado de saúde constituem elementos determinantes para a expressão e manutenção da dignidade de cada ser humano.
- A dignidade apresenta formas de expressão infinitas, da mesma forma que são infinitos os contextos em que o homem a pode vivenciar.
- A dignidade é um conceito abstracto que corresponde a uma vivência concreta.
- A dignidade está subjacente a todos os actos humanos
- A dignidade constitui um limite à arbitrariedade moral nas relações entre os homens.
- É importante distinguir o tipo de vínculo familiar.

Como é patente nesta síntese, o nosso pensar acerca do contributo da família para o envelhecimento condigno está influenciado por vários factores. A nossa própria experiência, a observação de situações e contextos onde o fenómeno ocorre, a aquisição de outras perspectivas que a bibliografia oferece através dos autores que se têm debruçado sobre o fenómeno e a comunicação pessoal e profissional com outras pessoas, constituem os dados de que temos consciência.

A ideia de van Manen (1997) de que o problema da questão fenomenológica não é sabermos pouco acerca de um fenómeno, mas aspirarmos a saber muito mais. Esta é também a ideia que dá suporte ao estudo em questão. Nesta perspectiva, desejamos que o nosso estudo constitua quer um enriquecimento do nosso conhecimento quer uma fundamentação para as ideias preconcebidas.

1.3 Chegando à questão orientadora

A partir das pesquisas bibliográficas e da observação e participação na vida da instituição escolhida para a realização do estudo, no sentido de compreender a importância do contributo da família para o envelhecimento condigno, fomos-nos deparando com uma insuficiente investigação do fenómeno, dado que o estudo envolve as vivências de idosos independentes a viverem em contexto familiar.

A delicadeza de algumas situações com que nos deparamos no quotidiano, remetem-nos para a necessidade de saber algo mais sobre o contributo da família na fase da vida por muitos negligenciada – a velhice. Fase esta que deveria ser calma, graciosa e condigna.

As questões que orientaram a pesquisa e as posteriores reformulações a que foram sujeitas mantiveram-se vivas no nosso espírito e foram adquirindo gradual intensidade, que se traduziu na nossa necessidade crescente de procurar encontrar e conhecer expressões do contributo da família, através da vivência dos idosos no contexto da família.

Seguindo os conselhos de Polit e Hungler (1995) e de van Manen (1997), foi utilizada a forma interrogativa de enunciação do problema que pretendia investigar. Esta forma apresenta-se com um cariz de maior simplicidade e constitui um convite à procura de uma resposta, de uma compreensão. Também se revela como uma tentativa de nós próprios nos questionarmos acerca do fenómeno, a partir do âmago do nosso ser.

Assim, considerou-se pertinente questionar para o estudo:

Qual o contributo da família para o envelhecimento com dignidade?

A partir da questão principal, foram várias as questões que se enquadraram nesta problemática. Levantaram-se-nos questões relativas à vivência dos idosos no contexto familiar, tais como:

- Como ocuparão os seus tempos livres?
- Que ajuda terão para a satisfação das suas necessidades básicas?
- Qual o grau de proximidade e de afecto com os elementos do agregado familiar?
- Será que se sentem desejados ou rejeitados pelos elementos da família?

Tornou-se, a partir daqui, possível estabelecer como objectivo final do estudo:

Conhecer o significado do contributo da família para o envelhecimento com dignidade, através da compreensão das vivências dos idosos a viverem no contexto da família.

Gostaríamos de referir, neste momento, alguns aspectos significativos, que dizem respeito à questão orientadora, aos objectivos e aos critérios de selecção dos participantes da pesquisa.

A questão orientadora inicial e os objectivos com os quais pretendíamos realizar este estudo prendiam-se com o desvelar do significado do contributo da família para um envelhecimento com dignidade, na perspectiva dos idosos. Da mesma forma, também os

critérios de escolha dos participantes se encontravam relacionados com essa perspectiva inicial.

No que se refere à questão orientadora e aos objectivos, estes foram direccionados para a perspectiva dos idosos independentes a viverem em contexto familiar. Os critérios de selecção dos participantes serão expostos no capítulo seguinte.

Por estes motivos assumimos o compromisso de tentar analisar e compreender, em todos os momentos da pesquisa, as concepções e os significados das vivências descritas do ponto de vista de quem as viveu (van Manen, 1997).

1.4 Seleccionando os participantes e enfatizando alguns aspectos éticos

Para se tornar viável o estudo de uma qualquer experiência vivida, pressupõe-se que exista alguém que simultaneamente a tenha experienciado e a queira descrever (Sim-Sim, 1997).

Torna-se então necessário encontrar indivíduos que correspondam a essas características. Este conjunto de indivíduos que constituem foco de interesse de um estudo de investigação, adquirem vulgarmente a designação de *amostra*.

Dois princípios guiam, segundo Morse (1996), a escolha da amostra, na investigação em enfermagem: o princípio da *conveniência* ou *intencionalidade* e o princípio da *adequação* ou *proporcionalidade*. O primeiro refere-se à identificação dos participantes que melhor podem informar o investigador, de acordo com as exigências teóricas do estudo. O segundo diz respeito à riqueza de informações, susceptíveis de possibilitar um desenvolvimento profundo do fenómeno.

Em fenomenologia, os mesmos princípios são válidos, mas o termo amostra não é utilizado por não se coadunar com uma perspectiva individual do estudo dos fenómenos e não se pretender generalizar a informação.

Neste contexto, Sim-Sim (1997), indo buscar os ensinamentos de Carpenter, diz-nos que em fenomenologia, a escolha intencional é a mais utilizada, através da selecção de indivíduos com conhecimento particular sobre o fenómeno, dotados de interesse em partilhar com o investigador esse conhecimento.

Assim, sempre que nos referirmos às pessoas que colaboraram neste estudo utilizaremos o termo participantes, uma vez que, sem a sua colaboração, a realização deste estudo constituiria uma real impossibilidade. Também nós nos sentimos co-participantes nesta pesquisa. Neste sentido, van Manen (1997) refere que o investigador, em ciências humanas é co-participante, da mesma forma que os seus informantes e que estes são colaboradores do seu projecto de pesquisa. Participante ou informante são também expressões utilizadas por vários outros autores.

Os princípios de intencionalidade e adequação, referidos por Morse (1996), quanto à actividade de escolha dos participantes, foram o guia da nossa opção. Ao intentar obter descrições experienciais que nos conduzissem aos significados do contributo da família sob um olhar fenomenológico, na perspectiva dos idosos, procedemos à selecção de idosos que pudessem contribuir para a compreensão do fenómeno em estudo.

Foram elaborados alguns pressupostos para a escolha dos participantes e, desta forma, foram escolhidos idosos que obedecessem às seguintes características:

- Viverem no domicílio com família, dado que esta será uma condição imprescindível para chegar ao cerne do problema: Qual o contributo da família para o envelhecimento com dignidade?
- Idosos independentes nas actividades de vida diárias.
- Com boa capacidade de expressão.
- Com capacidade para se moverem sozinhos com ou sem apoio mecânico, uma vez que o objectivo se prende com conhecer as vivências do idosos ainda independentes a viverem no contexto da família e que sejam reveladores do contributo da família para o seu envelhecimento condigno.

- Frequentarem um Centro de Dia. Centro de Dia esse que tivesse localização próxima do nosso domicílio e de fácil acesso, dadas as nossas limitações logísticas, de tempo e dada a impossibilidade de deslocação para locais mais distantes.
- Com idade superior a 65 anos.

Estabelecidas as premissas, iniciamos a nossa aproximação ao contexto onde iria proceder à colheita de informação, com o fim de obter permissão para realizar a pesquisa.

Após expor os objectivos junto da instituição escolhida, na pessoa da Assistente Social, foi-nos dada autorização de forma verbal, não tendo sido levantado qualquer tipo de restrição.

Após uma pequena conversa informal com todos os idosos presentes no Centro de Dia, procedemos à escolha dos idosos que poderiam participar na pesquisa.

Foi elaborada uma lista de oito idosos. A escolha versou sobre idosos de ambos os sexos, o que ocorreu de forma espontânea, não traduzindo qualquer intencionalidade da nossa parte. No entanto, só conseguimos contactar um idoso do sexo masculino, uma vez que todos os outros do referido sexo não viviam com familiares, mas sim sós.

Todos foram contactados pessoalmente. Sob a forma de um diálogo agradável, foi-lhes dado a conhecer o carácter do estudo e os critérios de selecção. Expusemos a cada um os objectivos do trabalho e a metodologia de obtenção de informação que iríamos utilizar.

Foi-lhes também referida a necessidade de disponibilidade para conversar e de registar, através da gravação, essas conversas, alertando-os para a eventualidade de ser necessário mais do que um momento de conversa.

Foi-lhes ainda informado que as transcrições e tratamento das informações seriam integralmente realizados por nós e que seria solicitada posteriormente a sua colaboração para validar as informações.

Todos aceitaram com agrado e compreenderam este nosso pedido.

A permissão pedida aos idosos e dada por eles ocorreu de forma verbal. Não se tornou necessário qualquer registo escrito do compromisso assumido por nós e por cada um dos idosos. Os contactos não foram, por isso, difíceis de realizar e o à-vontade existente entre nós facilitou todo o processo.

Em toda esta etapa, não poderíamos esquecer algumas considerações éticas que van Manen (1997) valoriza na pesquisa fenomenológica e que dizem respeito a possíveis transformações que podem ocorrer nos seus participantes. Neste âmbito, van Manen (1997) considera que o investigador deve ter consciência de alguns aspectos, tais como:

- A pesquisa fenomenológica pode provocar efeitos imediatos nos participantes, de modo a provocar sentimentos desconfortáveis como ansiedade, culpabilidade ou dúvida e sentimentos gratificantes como estimulação moral ou esperança.
- A pesquisa fenomenológica pode conduzir à mudança das práticas na instituição onde é levada a cabo, em função de uma nova consciência dos seus participantes.
- A pesquisa fenomenológica pode conduzir a importantes mudanças tardias nos seus participantes, cujas consequências podem ser positivas ou negativas.
- A pesquisa fenomenológica tem frequentemente um efeito transformador no próprio investigador.

A consciência destes aspectos foi mantida tanto quanto possível e tentamos, nos contactos efectuados, que os participantes sentissem um clima de completa liberdade, quer para romper com o seu compromisso, quer para expor todas as suas dificuldades.

CAPÍTULO TRÊS

INVESTIGANDO A NATUREZA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

1. OBTENDO AS DESCRIÇÕES DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Após a formulação da questão inicial, da eleição da perspectiva em que propusemos estudar o fenómeno e da escolha dos participantes da pesquisa, demos início ao que van Manen (1997) denomina como a investigação da experiência, tal como é vivida. Este processo consiste na aproximação ao contexto da pesquisa, através da elaboração das formas de nos inteirarmos das experiências vividas, bem como nos encontros com os participantes, cujas vivências pretendemos ver descritas.

De acordo com van Manen (1997), em fenomenologia, a ênfase é sempre dada ao significado da experiência vivida. O objectivo da pesquisa fenomenológica é centrado na colheita das experiências dos outros e nas suas reflexões sobre essas experiências, de forma a sermos capazes de melhor compreender melhor um aspecto especial dessa experiência no contexto da experiência global.

Para proceder ao estudo da experiência vivida, van Manen (1997) fornece várias orientações. Indica a entrevista como forma de obter material narrativo, afirmando que esta pode constituir um recurso para melhor compreender a profundidade dos significados da experiência humana vivida e possibilitar o desenvolvimento de uma relação de diálogo entre entrevistador e entrevistado.

La Cuesta (1997) também refere que as *entrevistas em profundidade*, cujo fim se centra na obtenção de experiências vividas em todas as suas dimensões, constituem um instrumento adequado à investigação fenomenológica.

As entrevistas fenomenológicas são ainda designadas por van Manen (1997) como *entrevistas hermenêuticas* ou *conversacionais* que constituem, entre outros, momentos de reflexão conjunta sobre o tópico em mãos.

Morse (1996) define-as como apenas entrevistas. As mais adequadas são, segundo esta autora, as entrevistas semi estruturadas, por constituírem simultaneamente uma forma de colheita de informações e uma forma de análise dessas mesmas informações.

Baseados nestes conceitos, fundamentamos assim, a nossa decisão de realizar encontros com os idosos, onde, através de conversas com alguma estruturação, pudéssemos adquirir elementos passíveis de analisar posteriormente, sob a forma de textos.

Optamos por uma entrevista semi estruturada para proceder à colheita das descrições vivenciais, que gravamos em suporte digital. A entrevista estava orientada para as questões relacionadas com o contributo da família para o envelhecimento com dignidade.

A este propósito, van Manen (1997) afirma que a entrevista hermenêutica deve ser dirigida ao fenómeno, de modo a que o investigador não se perca numa grande quantidade de informação.

Também foram seguidas as orientações de van Manen (1997) quando os participantes foram estimulados a descreverem as suas vivências, de acordo com o que provinha do seu interior, tal como tinha sido vivido.

Dada a nossa inexperiência em realizar e conduzir entrevistas realizamos previamente, quatro entrevistas com idosos conhecidos, que não faziam parte da selecção, mas que se prontificaram para nos ajudar a aperfeiçoar a nossa forma de estar e de agir perante esta técnica de colheita de informação. Essas entrevistas não tinham como objectivo, serem utilizadas no nosso estudo e resultaram num processo agradável e positivo de aprendizagem para todos. Com esta etapa, seguimos os conselhos de Martinez citado por Freitas (2003).

Após esta etapa iniciamos a realização das entrevistas com os participantes. A duração das entrevistas variou entre os 30 e os 60 minutos.

Os encontros com os participantes ocorreram dentro da instituição, no palco que só é utilizado em épocas festivas, o que proporcionou simultaneamente um ambiente de tranquilidade e privacidade. Com esta atitude tentamos cumprir, o preceito de Mucchieli, de proporcionar um clima agradável, seguro e íntimo, capaz de promover uma melhor expressão dos significados da experiência vivida. (Carvalho I, 2003).

Não estabelecemos como certo o número de participantes que pretendíamos entrevistar para a pesquisa.

A resolução enquadrou-se numa forma de agir que seria desenvolvida conforme o desenrolar dos acontecimentos. Estávamos, por isso, conscientes de que poderíamos necessitar de um número maior de participantes, uma vez que em investigação fenomenológica, ao pretender obter uma variedade de descrições significativas das experiências vividas do fenómeno em questão, o investigador é confrontado com um conjunto de significados que a partir de um certo número, tendem a tornar-se equivalentes

Também valorizámos a perspectiva de Sim-Sim (1997) de que a orientação da quantidade de participantes se relaciona com a riqueza de conteúdos dos protocolos e com a redundância das declarações.

Assim, foram realizadas as 8 entrevistas e todos os participantes nos brindaram com uma grande riqueza de informações.

Foram respeitados, durante a condução das entrevistas, os momentos, silêncios e emoções das participantes. O seu fim dependeu quer do esgotamento da informação, quer da incapacidade de recordar algo mais da experiência vivenciada.

Ao longo das entrevistas as questões foram feitas de modo indirecto para que os idosos fossem de encontro àquilo que realmente queríamos saber:

- **Como costuma passar os seus dias?** (tentando no decorrer da entrevista colocar questões que se remetessem para a sua família)
- **Quem o traz para o Centro de Dia?**
- **Quem prepara o pequeno-almoço?**
- **E netos, tem? Passa muito tempo com eles?**
- **Costuma conversar muito lá em casa?**
- **Como ocupa os tempos livres?**

O conjunto de participantes do estudo, era caracterizado da seguinte forma:

Relativamente à idade:

- Um participante com setenta anos.
- Um participante com oitenta e seis anos.
- Um participante com setenta e seis anos.
- Um participante com setenta e nove anos.
- Dois participantes com oitenta e dois anos.
- Um participante com oitenta e quatro anos.
- Um participante com oitenta e três anos.

Relativamente ao estado civil:

- Sete participantes viúvas.
- Um participante casado.

Relativamente à formação profissional:

- Quatro participantes possuíam a quarta classe.
- Um participante não estudou, não sabia ler nem escrever.
- Dois participantes não estudaram mas sabiam ler e escrever.
- Uma participante foi professora de francês.

Relativamente à constituição familiar:

- Três participantes viviam com filha, uma neta e o genro.
- Um participante vivia com uma filha, o genro e dois netos.
- Um participante vivia com o cônjuge.
- Uma participante vivia com uma irmã.
- Um participante vivia com uma filha.
- Um participante vivia só, mas com o apoio de uma sobrinha.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas num período de tempo tão curto quanto as nossas limitações o permitiram, com o fim de ler os textos aos participantes o mais perto possível da realização da entrevista. Desta forma eles próprios puderam validar e corrigir o sentido das suas afirmações, tendo sido necessário, em alguns casos, realizar pequenos ajustes. O tempo total que mediou a realização da primeira entrevista e a recepção da última transcrição foi de um mês e meio.

Este processo não ocorreu de forma linear. Uma primeira abordagem aos conteúdos das entrevistas foi sendo realizada, à medida que as mesmas iam sendo levadas a cabo e transcritas. Esta forma de agir está de acordo com o preconizado por van Manen (1997), de que a investigação fenomenológica consiste num processo dialéctico entre a colheita de informações e a sua análise.

Após esta actividade, verificamos a existência de um leque interessante e rico de vivências que nos propusemos analisar.

2. CONSTRUINDO A ANÁLISE DAS EXPRESSÕES VIVIDAS

Na sequência do recomendado por van Manen (1997), partimos para a análise das expressões vividas, fornecidas pelas participantes do nosso estudo, tentando realizar uma reflexão fenomenológica. Pretende-se, com este passo, abraçar o significado essencial do contributo da família para o envelhecimento com dignidade, a partir das vivências dos idosos.

Procuramos sempre e em cada momento procurar o contributo da família nas descrições das vivências dos idosos participantes, seguindo a orientação de van Manen (1997) de que o processo de viajar até ao interior da essência dos fenómenos ocorre devido ao desejo do ser humano de *fazer significado*.

A análise foi realizada de acordo com as recomendações de van Manen e, desta forma, procedeu-se da seguinte forma:

- Após realizar as entrevistas, onde foram clarificados alguns aspectos das descrições das vivências do contributo da família (qual primeira validação), cada uma foi transcrita na íntegra, tal como foi verbalizada.
- Após o trabalho de transcrição, as entrevistas foram novamente lidas e confrontadas com a gravação.
- Os textos foram depois, lidos a cada participante, para uma eventual correção dos mesmos, no sentido de validar os significados contidos no texto.
- Foram realizados os três tipos de abordagem aos textos que van Manen (1997) aconselha, através da leitura e releitura, na busca dos temas e aspectos temáticos passíveis de descobrir nas descrições das vivências de dignidade, fornecidas pelas participantes.

- Realizamos assim, leituras e releituras analíticas e reflexivas dos textos e abordamo-los, numa primeira fase de uma forma global ou holística, seguida de uma abordagem selectiva, para culminar num tipo de abordagem detalhada, conforme será apresentado em capítulo posterior.

- A partir das considerações de van Manen (1997) de que a fenomenologia é considerada o estudo do particular e único, foi nossa intenção considerar e analisar os textos dos participantes, não como experiências compartimentadas e separadas umas das outras, mas como se todos os textos constituíssem elementos capitulares de uma experiência única.

A análise dirigiu-se para os textos como um todo, considerando, no entanto, as particularidades de cada um.

Ao analisar os textos, fomos verificando que cada momento vivido constituía um momento de significado do contributo da família, independentemente da existência da descrição ou não de outros momentos. Assim, as descrições dos participantes foram sendo consideradas como vivências de diversos momentos e fomos verificando que cada momento poderia evidenciar elementos do fenómeno em estudo.

Após o processo de análise e reflexão dos temas encontrados, eles foram estruturados e submetidos a uma avaliação com o apoio do precioso orientador do estudo.

Este processo não ocorreu sob a forma de encontro de grupo, devido à falta de disponibilidade dos intervenientes, tendo sido efectuada a análise dos resultados por cada um, separadamente, que culminou com uma conversa individual e informal conjunta.

Pretendemos com este passo, compreender quais as diferentes sensibilidades para com os resultados obtidos e, com isso, realizar uma nova forma de validar os achados e reflexões. Assim, pensamos estar a cumprir mais uma das orientações de van Manen (1997), referente a que a investigação fenomenológica se apresenta como um processo de intersubjectividade onde, quer os informantes, quer outros que o investigador entenda, constituem preciosos auxiliares na compreensão dos significados da experiência vivida.

CAPÍTULO QUATRO

PROCEDENDO A UMA REFLEXÃO E UMA ESCRITA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

1. DESENVOLVENDO UMA REFLEXÃO E UMA ESCRITA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

Reflectir sobre a essência do fenómeno implica um processo que van Manen (1997) denomina de “apropriação reflexiva”, através do qual iniciamos uma viagem, rumo à clarificação das estruturas significativas das expressões da experiência vivida. Este processo constitui o contacto que mais directamente conseguimos ter com a experiência vivida. Nesta etapa irei proceder reflexivamente, de forma a identificar o que van Manen (1997) denomina de “estruturas de significado ou temas”.

van Manen (1997) refere ainda, que toda a descrição de um fenómeno corresponde a uma interpretação de um texto ou hermenêutica e que a interpretação apresenta como objectivo analisar os vários significados contidos nos textos. Esta ideia é corroborada por Ricoeur (1995) quando afirma que a tarefa hermenêutica corresponde à interpretação das expressões escritas da vida.

O processo de reflexão e escrita é único e corresponde à utilização da linguagem e pensamento, nas suas várias formas.

van Manen (1997) afirma que a experiência humana vivida só se torna possível porque existe linguagem e que o homem só é capaz de reflectir sobre a experiência vivida graças à linguagem. Assevera ainda que a experiência vivida apresenta, ela própria, uma estrutura linguística e que, por essa razão, a experiência e a consciência são estruturadas em forma de linguagem. Esta ideia apresenta como base o pensamento de Heidegger, também citado por van Manen (1997), que preconiza a linguagem como essencial à humanidade e que através da linguagem, ser e pensar humanos constituem uma unidade indissociável.

van Manen (1997) preconiza também que a investigação da ciência humana constitui uma forma própria de escrita e que a criação de um texto fenomenológico

constitui objecto dessa investigação. Afirma ainda que o método fenomenológico consiste na *arte* de ser sensível às subtilezas da linguagem e de transmitir, de forma compreensível e inteligível, o envolvimento do investigador com as coisas e com o mundo.

Assim, o objectivo desta etapa reside, de acordo com van Manen (1997), em captar os temas ou pontos-chave da experiência vivida, reflectir sobre eles e proceder à sua descrição.

Os temas pretendem representar, não apenas a busca do significado contido no texto, mas a apreensão do que de subjectivo nele existe. Por outras palavras, os temas correspondem ao acto de ver o objectivamente invisível.

Também neste ponto van Manen coincide com a visão de Ricoeur (1995), uma vez que este último refere que o investigador, para compreender a essência de um texto deve, para além de perceber o que ele diz, compreender aquilo acerca de que o texto fala.

van Manen (1997) afirma que fazer investigação fenomenológica significa desenvolver a arte de escrever e que a forma de reflectir sobre a experiência vivida corresponde a uma actividade textual. Refere ainda, que a escrita fenomenológica corresponde a uma actividade textual, simultaneamente original e poética.

Escrever e rescrever as descrições temáticas das vivências dos idosos acerca do contributo da família para o envelhecimento com dignidade, ajudou-nos a melhor encontrar e compreender os seus significados.

Com a descrição dos significados da experiência vivida, a apresentar seguidamente, tentaremos construir uma linguagem simultaneamente clara e estética, de forma a tornar agradável o encontro entre este trabalho e todos aqueles para quem, independentemente da razão, se torne necessário realizar a sua leitura.

Iremos seguir o caminho proposto por van Manen (1997) e iniciaremos a apresentação das vivências dos idosos participantes no estudo, dando ênfase às abordagens

realizadas aos textos. No momento seguinte iremos descrever os significados da experiência vivida, fundamentada com excertos das descrições dos participantes e, por fim, realizaremos uma reflexão sobre o contributo da família para o envelhecimento com dignidade, a partir dos significados desvelados e fundamentada em diversos autores.

1.1 Encontrando os significados da experiência vivida

Ao efectuarmos uma leitura atenta de todos os textos transcritos das entrevistas, procuramos entendê-los de uma forma global, a partir do que van Manen (1997) designa como “abordagem holística”.

Realizamos uma primeira reflexão a partir das transcrições das entrevistas realizadas. Neste momento tentamos encontrar o sentido do todo dos textos ou, de acordo com van Manen (1997), o seu “ser significante”, passível de ser transmitido numa frase única. Este constituiu o objectivo que pretendemos atingir com esta abordagem.

Na fase inicial das entrevistas foi solicitado aos participantes que descrevessem o seu dia-a-dia. Rapidamente o seu discurso foi-se encaminhando para o contributo que a família tinha nesta fase das suas vidas -o envelhecimento. O envelhecimento condigno foi algo que desde o início dos diversos discursos esteve presente. Os idosos eram perfeitamente capazes de, através das suas vivências testemunharem acerca do contributo da família para o envelhecimento com dignidade

Em vários casos, as primeiras frases que os participantes verbalizaram durante as entrevistas tornaram-se elas próprias, significados aos quais atribuímos particular importância. Estes revelaram-se transmissores de informações significativas e cruciais para a compreensão do sentido global dos textos.

Participantes houve, que iniciaram o seu discurso com uma classificação prévia do fenómeno na situação a relatar, atribuindo-lhe uma conotação de negatividade, quando expressaram inicialmente um sentimento de que a família não contribuía em nada para envelhecerem com dignidade, mas sim o contrário:

“[...]deixaram acabar tudo lá em casa[...]”P3

“[...]não me convidavam para comer, nem a roupa me lavavam [...]”P3

“[...]isto dos filhos não tratarem dos pais é uma doença que se pega [...]”P4

Após realizar este percurso de leitura, afigurou-se-nos rapidamente ao espírito, uma ideia principal que concretizamos, como van Manen (1997) recomenda, numa única frase que passamos a transcrever:

“A partir de um contexto determinado, a contributo da família para o envelhecimento com dignidade constituiu, para os participantes, um fenómeno facilmente identificável e que foi vivido pessoalmente com intensidade”.

Esta ideia produziu em nós um efeito adicional, em jeito de oferta, que se traduziu na motivação para prosseguir com a pesquisa.

À medida que fomos progredindo na leitura repetida e na análise dos textos, fomos sentindo que os relatos descritos expressavam aspectos temáticos das vivências, que poderiam revelar significados importantes para o fenómeno em estudo.

Fomos penetrando nos textos e as informações que fomos obtendo foram-se articulando com as nossas intuições, capacidades e conhecimentos, numa reflexão direccionada para a selecção das declarações que traduzissem temas ou aspectos temáticos

das experiências vividas. Este tipo de abordagem é designado por van Manen (1997) como abordagem selectiva.

É de referir a este propósito, que a identificação dos temas e a análise pormenorizada dos textos ocorreu como um processo único que só se encontra separado nesta apresentação por motivos de organização metodológica.

Por esta razão, só foi possível identificar os temas através de uma análise simbiótica entre os aspectos que íamos seleccionando e a análise pormenorizada das entrevistas. Desta forma, os aspectos temáticos que fomos descobrindo constituíram razão para atender aos pormenores na análise que fomos desenvolvendo e vice-versa.

Os temas que advieram da nossa análise elucidam-nos sobre o significado do contributo da família para o envelhecimento com dignidade a partir das vivências dos idosos a viverem no contexto da família.

Neste processo foram identificados três temas principais:

- Família como Fonte de Dignidade
- Família como Fonte de Relações e Sentimentos Controversos
- Família como Ponto de Equilíbrio

Neste momento, apenas referimos os temas de forma nominativa, uma vez que a sua análise será descrita em pormenor mais adiante.

Passamos então, depois, ao terceiro tipo de abordagem aos textos que van Manen (1997) designa como abordagem detalhada ou linha a linha. Esta consiste numa identificação e agrupamento das frases que atribuem significado ao fenómeno em estudo.

Assim, identificamos, escrevemos e rescrevemos as frases com que os participantes descreveram o fenómeno, de acordo com o que van Manen (1997) preconiza para a

investigação fenomenológica, quando afirma que esta constitui uma abordagem que tem implícito um processo de escrever e rescrever.

Tentamos sempre apreender a essência do significado fenomenológico das frases que analisamos.

Com base na leitura e releitura dessas frases e conjuntos de frases e por sentir algumas dificuldades quanto à forma de estruturar os temas, socorremo-nos das recomendações de Söderberg *et al* (1999). Assim, identificamos declarações ou grupos de declarações que evidenciavam aspectos diferentes das vivências do fenómeno, a que designamos unidades de significado. Estas unidades foram agrupadas com base em significados comuns e os grupos de declarações formados foram denominados de sub temas. Estes constituem o reflexo dos significados do contributo da família para o envelhecimento com dignidade.

A mesma actividade foi realizada e repetida em cada texto e em todos.

Os grupos de sub temas foram sendo, então, condensados e englobados nos temas principais, anteriormente identificados.

Percorrer o caminho até aos temas implicou uma actividade hermenêutica criativa. Esta consiste num processo de condensação e abstracção, que visa alcançar o significado das expressões da experiência vivida e no qual as declarações são sujeitas a *transformações linguísticas*. De acordo com van Manen (1997, p.97), tais transformações tornam as expressões fenomenologicamente sensíveis. Esta actividade incluiu, portanto, uma constante relação dialéctica de valorização do todo e das partes dos textos que analisámos.

Neste momento de referência à abordagem detalhada dos textos, apenas apresentamos os temas, sub temas e unidades de significado que desvelamos, de forma resumida.

A esquematização que apresentaremos nas figuras seguintes baseia-se na sugestão da criatividade recomendada por van Manen (1997) e apresenta de forma sucinta os temas, sub temas e unidades de significado, uma vez que a sua descrição em pormenor será levada a cabo no ponto seguinte deste trabalho.

Consideramos que esta forma de apresentação contribui para uma visualização global mais rápida sem que tal procedimento prejudique o processo de escrita aqui apresentado.

Sentimos também que, com esta forma de apresentação dos temas e subtemas desvelados, cumpre-se o preceito de van Manen (1997) de mostrar a integração das partes componentes na totalidade, que constituem mais do que a mera divisão e que elucidam o sentido global das experiências vividas.

FIGURA 1

PRIMEIRO TEMA

TEMA	SUBTEMAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO
Família como fonte de dignidade	Realização de actividades quotidianas com a família	Satisfação das necessidades básicas
		Atenções especiais da família
	Expressão dos valores familiares	Felicidade
		Amor e carinho
		Respeito
		Manutenção da independência

FIGURA 2

SEGUNDO TEMA

TEMA	SUBTEMAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO
Família como fonte de relações e sentimentos controversos	Expressão de sentimentos negativos próprios ou da família	Sentimento de repugnância e rejeição
		Sentimento de solidão Sentimento de desconforto
		Desejo de morte
		Sentimento de tristeza
		Sentimento de sofrimento
		Baixa de auto – estima e sentimento de desprezo
		Sentimento de revolta
		Sentimento de indiferença
		Sentimento de medo
		Sentimento de mágoa
		Sentimento de culpa
		Expressão de sentimentos e necessidades ambíguos
	Submissão à vontade da família	
	Sentir-se um encargo	
	Possibilidade de participar na vida familiar	
	Sentimento de incompatibilidade	
	Sentimento de oportunismo	
	Sentir-se a mais (compreensão e acomodação)	
	Submissão a maus tratos (compreensão)	
	Sentimento de arrependimento	
Saudade do passado		

FIGURA 3

TERCEIRO TEMA

TEMA	SUBTEMAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO
Família como ponto de equilíbrio	Afectividade como ponto de equilíbrio	Expressão de afectos
		Necessidade de afectos
		Relação forte com os descendentes
		Intimidade
		Confidência
		Sentir-se um ponto de equilíbrio
	Busca do equilíbrio pessoal e familiar	Necessidade de ajuda
		Necessidade de diálogo
		Necessidade de convívio
		Necessidade de compreensão
		Necessidade de fuga aos maus-tratos físicos e verbais
		Necessidade de viver no ambiente natural
		Incompatibilidade com alguns elementos da família

A ordem pela qual apresentaremos a descrição dos temas, corresponde à ordem pela qual eles foram apresentados nos esquemas anteriores.

1.2 Descrevendo de forma temática as expressões do contributo da família para o envelhecimento com dignidade

Descrever os fenómenos é, segundo van Manen (1997), interpretar os textos e o trabalho interpretativo constitui uma tarefa hermenêutica.

As leituras repetidas e a análise em pormenor dos textos transcritos das entrevistas realizadas permitiram-nos desvendar significados próprios e transformá-los nos temas e sub temas anteriormente apresentados.

A análise detalhada dos temas constitui uma descrição sistematizada das experiências vividas pelos participantes do estudo, tal como se apresentaram.

Neste momento os temas e sub temas foram estruturados com base nas semelhanças e diferenças de significado. Mas, porque se encontram intimamente interligados, tornou-se bastante difícil, conseguir delimitá-los como entidades separadas.

Com esta apresentação dos temas, pretende-se apenas tentar espelhar, da forma mais clara possível, a descrição das várias dimensões das experiências vividas com vista a uma melhor compreensão do fenómeno em estudo, estando conscientes de que outras formas de os estruturar seriam possíveis.

van Manen (1997) aconselha a que o processo de interpretação e reflexão hermenêuticos deve ter como suporte a criatividade, característica que deve estar presente no investigador. A reflexão que desenvolvemos ao longo do nosso estudo corresponde àquela que a nossa parca criatividade e conhecimento tornaram possível.

Iniciaremos em seguida a apresentação das descrições das vivências relativas ao fenómeno que nos propusemos estudar. Os temas serão apresentados pela ordem em que foram referidos no ponto anterior.

1.2.1 Família como fonte de dignidade

Este tema surgiu na tentativa de dar voz aos significados das vivências que provinham da interioridade mais profunda dos idosos. Qualquer que seja o tipo de família, a sua estrutura, constituição ou mesmo existindo uma experiência familiar anterior negativa, esta é expressa pelos idosos como fonte de dignidade.

Este tema é fundamentado a partir de dois sub temas, de acordo com o que foi referido anteriormente: **Realização de actividades quotidianas com a família e expressão dos valores familiares.**

Através da descrição das suas vivências, os idosos foram expressando sentimentos vividos que facilmente nos conduziram à construção deste tema.

Através do enfoque dado pelos participantes à realização de actividades quotidianas com a família, eles foram especificando quais eram aquelas que se revelavam como sendo a família uma fonte de dignidade.

A satisfação das necessidades básicas, foi uma actividade que segundo os idosos se revelou importante:

“[...]Ela não me deixa fazer nada. Podia-me deixar limpar o pozinho, ou isso, mas ela não deixa. Mas eu gostava de poder fazer alguma coisa. Às vezes queria passar a ferro, mas ela diz que já não sei, mas não é nada...é para eu não trabalhar. Porque ela bem sabe que eu sei fazer as coisas[...].” P1.

“[...] Ela às vezes anda a arrumar o meu quarto e eu vou lá, sento-me numa cadeira e ponho-me a conversar com ela. Às vezes quando vai passar a ferro, levo uma cadeira e ponho-me lá a conversar com ela[...]” P1.

“[...] Ainda há pouco tempo, fui ligar o cilindro para a minha filha me dar banho, está a ver como ela me trata bem? [...]” P1.

“[...] Levanto-me cerca das oito horas. Mas não sou eu que arranjo o pequeno-almoço. Temos empregada que vai lá três vezes por semana [...]” P2

“[...] A minha filha quando chega a casa faz o jantar. Eu janto com eles e eles conversam muito comigo, não há segredos entre nós. Claro que converso mais com a minha filha do que com o meu genro...ele é mais reservado [...]” P2

“[...] A minha filha é que trata de tudo. Logo de manhã, ela prepara-me o que eu tenho para tomar e o que não tenho. Ela faz aquilo tudo. Eu não faço praticamente nada. [...]” P2

“[...] Não saio de casa, sem ela (a minha mulher) ver se está tudo direitinho. Compõe-me sempre a camisa. Não quer que eu saia de casa mal amanhado. Gosta que eu ande arranjado e não faça má figura. Vejo que tem cuidado comigo [...]” P3.

“[...] A minha mulher preocupa-se muito comigo. Ela trata de tudo. Traz-me sempre o melhor possível [...]” P3

“[...] Eu não tenho cuidados nenhuns, nem calçar, nem vestir, ...é tudo, tudo a minha filha O banho, ela põe água na banheira e ajuda-me. Ela não me deixa faltar nada. Tive uma sorte muito grande[...]” P5

“[...] A minha filha vai levar a minha neta à escola e eu lá fico em casa à espera que ela me venha fazer o pequeno-almoço. Eu não faço nada, não tenho nada que goste de fazer. Eu gostava muito de fazer renda mas as mãos já não ajudam[...]” P6.

“[...] Quem trata da minha roupa é a minha filha. É ela que cuida de mim, lava, passa e dá-me banho [...]” P6

“[...] Eu de dia estou no Centro de Dia, de noite estou em casa com a minha irmã. As Sábado tenho uma empregada para fazer a limpeza, mas eu não sou pessoa de muito comer e depois ao Sábado e Domingo nunca faço almoço para mim. Os meus filhos queriam resolver eu ir a casa de cada um. Mas como isso dava muito transtorno, alguns em vez de eu ir lá, trazem-me a comida feita e comem aqui comigo [...]” P8.

As atenções especiais dadas pela família foram também enaltecidas pelos participantes. Entendem-se as atenções especiais os pequenos “miminhos” que para os idosos são considerados vitais para que sintam que a sua dignidade é respeitada:

“[...] Antes de vir para aqui estive internada no hospital e o meu genro ia sempre visitar-me e beijava-me sempre. Não anda cá a dar-me beijos em casa, mas lá dava-me sempre um beijo à entrada e outro à saída. Foi-me sempre visitar, sempre, sempre, nunca faltou lá um Sábado ou um Domingo[...]” P 1.

“[...] A minha filha até me faz uma sopa especial [...]” P1

“[...] Quando estou doente a minha filha é que me arranja o pequeno almoço, mas agora sou eu [...]” P1

“[...] Se eles vão sair levam-me. Se ficam em casa eu vou para a minha vizinha. Sempre que eles vão sair eu vou com eles, não fico em casa sozinha. Nem eles me deixavam. Até já estou a pensar no feriado! Vou passar o dia todo com eles, porque é os anos da minha filha. Vamos almoçar fora e dar um passeio [...]” P1

“[...] Olhe, uma vez apeteceram-me amendoins. Olhei para a minha filha e disse: Sabes o que comia agora? Amendoins. Mal me descuidei já estavam ali os amendoins (foi o meu genro). Quem diz isto diz outras coisas assim. Outra vez, tinha os pés muito frios, nem o aquecedor os aquecia. O meu genro pega e calçou os chinelinhos...ele é muito quentinho e depois disse-me: Pegue lá os chinelos quentinhos [...]” P1

“[...] Quando estava no hospital, foram-me visitar, estávamos assim cá fora e estava muito vento. Estávamos sentados numa escada. E eu disse: Ai que vento que está aqui. Então o meu genro foi buscar o carro para a beira das escadas e disse: Agora sente-se aí no carro, que já não apanha vento. São coisas que não esquecem não é? Essas coisas caem muito bem. Ele é muito meu amigo[...]” P1

“[...] Os meus outro netinhos também vêm sempre visitar-me, preferem vir ver a avó do que ir passear com os amigos [...]” P1

“[...] A minha filha disse:” sozinha não vais ficar. Vais para o Centro de Dia da parte da manhã à hora que quiseres. Tu não tens horas para nada. Almoças lá e se quiseres ficar lá ficas, se não vens para casa. Tu não tens prisão nenhuma, nenhuma. É só para estares distraída com as pessoas, sempre te ris. Sempre há uma pessoa mais brincalhona. E eu acho que deves ir para lá. E eu fico mais descansada.” Porque a minha filha via que eu, ao almoço só comia a sopa. È que eu sempre gostei muito de sopa. Não tendo sopa, vingava-me a comer fruta. Quando a minha filha chegava a casa, via que eu não tinha comido mais nada e ficava preocupada[...]” P2

“[...] Estou muito habituada a viver com eles. Preciso de ir ao médico eles levam-me. Preciso de medicamentos, eles vão buscar [...]” P2

“[...] Ao fim de semana, quando eles saem eu vou com eles [...]” P2

“[...] O meu filho levou-me para tudo quanto era sítio neste país, levou-me para o Algarve durante dez dias, ele é que me transportou de carro, ele é que pagou as despesas [...]” P3

“[...] A minha mulher está sempre a recomendar: Vê lá ao atravessares a rua, podes ser apanhado por um carro. Olha que eles não respeitam as pessoas nas passagens, quanto mais fora delas [...]” P3

“[...] A minha mulher é incansável comigo, é terrível. Se saio de casa tenho de lhe dizer adeus. Ela tem de ver como é que eu saio. [...]” P3

“[...] Ela (a minha mulher) está sempre mortinha que chegue a casa para ver se chego bem, sem problemas. Depois pergunta-me muita coisa. Quer saber tudo. É muito ciumenta [...]” P3

“[...] A minha sobrinha é muito minha amiga, não se nega a nada. Às vezes telefona-me a convidar-me para passar o Domingo com eles. Mas a minha sobrinha não me deixa ir sozinha. Vem-me buscar a casa e à noite vem-me trazer e se eu precisar de qualquer coisa está sempre a dizer que o que eu precisar é para dizer. É o meu único recurso [...]” P4

“[...] No outro dia telefonou-me a minha neta a dizer:” ó vó nós vamos aí tomar café contigo e depois vamos à Maia buscar água. E tu vais connosco”. Passei assim um dia em grande, consoladinha de estar com eles [...]” P4

“[...] Os meus netos são muito meus amigos, um é médico e o outro é engenheiro. Um tem 26 anos e o outro tem 24. Telefonam-me, vêm-me buscar e levam-me a passear. [...]” P7

“[...] A minha filha é muito minha amiga, é muito mimalhinha. Traz-me uns queques ou bolachas para o chá. É mais mimalhinha que os irmãos. Os rapazes telefonam, perguntam o que é que eu quero comer. Por parte da família tenho bom apoio. [...]” P8

Além da realização de actividades quotidianas com a família como elementos reveladores da Família como fonte de dignidade, ao longo dos seus discursos, os participantes foram expressando também valores familiares.

Os idosos expressaram o valor da felicidade como algo que a família lhes proporciona:

“[...] Graças a Deus tenho uma família feliz. Às vezes os irmãos é que têm assim, um bocadinho de inveja, há sempre...mas uma mãe bota sempre a mantinha por cima. Eu nunca digo nada nem a um nem a outro [...]” P1

“[...] Graças a Deus sinto-me muito feliz [...]” P2

“[...] Tenho uma vida muito feliz [...]” P2

“[...] Sou feliz! Às vezes ponho-me a pensar: eu fui feliz, quantos não foram como eu. Tenho muito que agradecer a Deus. Vivo bem! (...) Não há ninguém tão feliz como eu. E eu bem que gosto! [...]” P5

Também os valores carinho e amor estão presentes nos seus relatos:

“[...] O meu genro quando chega a casa, se eu estiver na sala vem-me dar as boas tardes. Se estiver no quarto não. Estou lá em cima e ele não vai lá de propósito. Mas se estiver noutra lado, vai sempre dar-me as boas horas. Portanto não posso querer mais não acha menina? [...]” P1.

“[...] A relação com o meu genro também é boa... Ele não é um homem de muitas falas, mas não tenho nada que dizer dele, não. Quando estou doente é o primeiro a levar-me a algum lado, se for preciso. Pega no carro e lá vamos [...]” P2

“[...] Adorei sempre os meus netos, fui eu que os criei, fui eu a mãe deles. E eles comigo, são na mesma. A avó para eles é tudo[...]” P2.

“[...] Uma vez a professora chamou-me e disse-me: o seu neto está sempre a chorar, pede para ir à casa de banho e vai vomitar. Depois a minha filha, levou-o ao médico e ele disse: sabe o que é? Ele está muito apegado à avó e então tem muitas saudades dela. Eu ensinava-lhe as letras, os números. Eles quando foram para a escola já sabiam muita coisa... E por isso eram muito agarrados a mim, tanto o do meio, como o mais velho. Muito, muito, muito. Ainda hoje são muito apegados a mim [...]” P2.

“[...] A minha filha, ai Jesus! É muito minha amiga. Se não fosse, não queria que eu estivesse com ela[...]” P5.

Sentir que o valor respeito é valorizado pela família, permite aos idosos através dos seus discursos, perceber que a sua dignidade é preservada com o contributo da sua família. Este respeito está relacionado com o facto dos idosos sentirem que a sua família percebe que eles são mais do que um corpo. Eles têm algo de divino e são únicos. Portanto, o

respeito passa não só pelo respeito pela sua condição física, como é o caso do pudor físico, mas também pela sua condição psíquica, como é o caso do pudor psíquico. Um exemplo é o facto dos idosos por vezes esquecerem as coisas, trocarem o nome dos netos, não se lembrarem de situações que para nós são tão simples e que para eles por vezes é complicado. Se eles sentirem que a família respeita estas suas condições, percebem, segundo eles, que a sua dignidade está a ser preservada e então a família será uma fonte de dignidade:

“[...] Os netos quando passam por mim param o carro e falam comigo. Agora os filhos não... [...]” P3

“[...] Às vezes encontro os netos, que também já casaram. Alguns já têm filhos e vêm com eles aqui ao centro de saúde. Então, como é aqui perto do centro de dia, eu vejo-os. Eles vêm-me e vão-me cumprimentar. [...]” P3

“[...] O jantar é com eles. Como com eles à mesa. Ai deles que me tirassem da mesa. E é ali no centro da mesa! [...]” P5.

“[...] O meu genro fala-me com todo o amor, com respeito. Nunca me falou mais alto. Ele é como um filho. Vai sempre ao quarto salvar-me [...]” P5

“[...] O meu genro não fala muito comigo...é o feitio dele, mas respeita-me. Quando chega a casa diz: Ò vó, eu já cheguei! E eu digo: e eu já estou há muito tempo à sua espera [...]” P6.

Proporcionar aos idosos usufruir do valor da independência foi algo focado pelos participantes. Sentirem que a sua independência é respeitada permite aos idosos referir que apesar de acontecerem coisas menos boas, a família é sempre fonte de dignidade, seja qual for ao seu tipo, constituição ou relações existentes:

“[...] Eu não faço praticamente nada. Aquilo que eu faço é às vezes regar as plantas que nós temos no terraço e às vezes estendo a roupa. Agora o meu trabalho é pouco, mas eu gosto de ajudar[...]” P2.

“[...] Lá em casa ajudo muito. Ajudo mais do que eles querem. Gosto de fazer de tudo porque fui habituada a todo o trabalho. Ajudo no que for preciso. E a minha filha deixa, mas não é lá de muito boa vontade: ò mãe não faça isso que eu faço. Mas eu não posso estar lá só para comer! [...]” P5

“[...] Ao Sábado e ao Domingo, podia estar mais tempo na cama, mas não, levanto-me, tomo banho e ponho-me na salinha a trabalhar até às nove horas. Depois vou arranjar o pequeno-almoço e levo-lhe (à filha) à cama: um pão com queijo, outro com fiambre e um copo de sumo de laranja num guardanapinho, num tabuleiro. E ela é assim: Ainda vale a pena ter uma mãe[...]” P7

“[...] Levanto-me às seis horas da manhã e todos os dias tomo banhinho. Sozinha. Não preciso de ajuda. Depois visto-me e venho para o centro de dia (...) Eu é que faço tudo em casa: limpar o pó, passar a ferro. Olhe que eu passo a ferro e a minha filha vai mostrar à vizinha como eu passo bem! [...]” P7.

1.2.2 Família como fonte de relações e sentimentos controversos

Este tema nasceu da tentativa de classificar os sentimentos e as relações familiares, que para nosso espanto se revelaram mais controversos e ambíguos do que estaríamos à espera.

O tema fundamenta-se na condensação de dois sub temas: **Expressão de sentimentos negativos próprios ou da família** e **Expressão de sentimentos e necessidades ambíguos.**

As descrições dos participantes foram traduzindo e exprimindo **sentimentos negativos por parte deles próprios ou por parte da família:**

“[...]Acabou por não me lavar a roupa, não me limpar o quarto, nem me mudavam a roupa da cama...Eu vi-me assim desprezado. Ele saía de manhã e nem me dizia: Ó pai, está tudo bem? Chegava à noite, à hora que chegasse e às vezes eu tinha a luz do quarto acesa e ele não procurava saber se estava acordado ou a dormir, se estava vivo ou morto[...] P3

Houve participantes que manifestaram que o sentimento de repugnância e rejeição por parte da família estava presente nas situações mais simples e básicas do dia-a-dia:

“[...]O quarto nunca foi limpo, mesmo no tempo da falecida e mesmo eu pagando os 40 contos. Nunca me fizeram a limpeza ao quarto porque eu limpava qualquer coisa. Mas o homem limpa e claro, nem fica limpo, nem fica sujo. Eu às vezes, lá pegava num farrapo e limpava a cama porque me parecia mal tanto pó! [...] P3

“[...] De maneira que então eu como estava tão desesperada fui ter com ela, porque ela trabalhava em casa de costura, fazia cortinados e se ela estivesse na sala eu não podia lá estar, se ela estivesse na cozinha eu não podia lá estar[...] P4

“[...] A minha filha diz-me muita vezes: Estou cheia de velhos, um já foi e tu nunca mais vais! E eu lá lhe respondo que vou quando Nossa Senhora me chamar, e tu, também hás-de ser velha[...] P7

A solidão que por vezes não é sinónimo de estar só, mas sim de sentir-se só:

“[...] Eu estava sozinho em casa. Se não estava em casa, estava no café, mas não podia estar lá sempre. Ao fim de semana, nem me dizia (o filho) ò pai, vá lá comer o caldo ao pé da gente. Pelo menos ao fim de semana!! [...] P3

“[...] Mas eu preciso de alguém! Eu estou completamente sozinha [...] P4

“[...] Eu vim para aqui para não estar sozinha em casa. Aqui sempre tenho gente com quem falar. Lá isso achei bem. Eu sou muito conversadeira. E eles não têm tempo para me estar a aturar[...] P6

“[...] Se ela (a filha) me der conversa, eu respondo. Se não der, também não lhe peço. A minha neta é muito boa rapariguinha mas também não conversa quase nada comigo. Só de vez em quando. [...] P6

“[...] A minha filha fala pouco comigo, estou sempre no meu cantinho. Ela não puxa conversa comigo. Ela não fala comigo, não desabafa comigo [...] P7

“[...] Sinto-me muito só. Por exemplo, a minha irmã gosta de estar no sofá estendida e eu não. [...] P8

O desconforto que a família lhes causa, com ou sem intenção, é algo que o idoso não deixa passar sem valorizar:

“[...] Eu não sei se me imagino a viver sem eles. Eu tenho ainda a minha casa, mas não me deixavam ir para lá. Eu gostava, ainda agora de ir para lá, de ter o meu cantinho. Por vezes sinto-me desconfortável. Mas não vale a pena, ela não me deixa...] P1

O desejo de morte, em consequência das relações familiares, é algo verbalizado por outros participantes:

“[...] Eu ajoelhava-me no meu quarto e pedia á Nossa Senhora para me levar... porque eu também não queria estar de mal com o meu filho. Pois ele era meu filho e não falava para mim. Ela (a nora) não deixava, enchia-lhe os ouvidos[...] P4

“[...]A minha filha não me dá tranquilidade, dignidade. Quando ela me maltratava eu pedia a Deus para me levar. Sim, porque eu não tinha coragem de a pôr fora de casa. Eu não sou feliz![...] P7

Apesar de aparentemente o ambiente familiar ser repleto de felicidade, outras situações há em que a tristeza se sobrepõe a outros sentimentos:

“[...] Às vezes estava a luz acesa e o meu filho não procurava saber se estava acordado ou a dormir, se estava vivo ou morto...nem coisa nenhuma. Eu vi-me assim triste e tive de olhar em frente [...] P3

“[...] O meu filho disse-me que já não tinha mãe há muito tempo, a culpa era da minha nora que não gostava de mim...Olhe que é triste! O que eu chorei! As lágrimas caiam-me pela cara abaixo. Só Deus e eu é que sabemos [...] P4

“[...] Temos um cão. A minha filha gosta mais dele do que de mim. A ele, ela não bate. Mas pode ser que ela mude. Ultimamente não me tem batido, mas não conversa comigo. Vai para a sala ver televisão e lá adormece. Nunca me perguntou como eu passo o meu dia. A minha sorte é que eu tenho sido saudável, senão seria como calhasse. Duvido que ela me ajudasse. [...] P7

A forma como são tratados no dia a dia, por vezes é causadora de sofrimento:

“[...] Em casa do meu filho, era como se fosse um desconhecido ou pior! Se fosse um desconhecido eram capazes de me estimar mais[...] P3

A baixa de auto - estima e o sentimento de desprezo é relatada pelos idosos, às vezes nas situações mais simples que se possa imaginar:

“[...] Acabou por não me lavar a roupa, não me limpar o quarto, nem me mudavam a roupa da cama. Quando era Inverno, que era preciso fazer a cama, dava muito trabalho e eu já não podia. Então eu vi-me assim meio desprezado[...] P3

“[...] A neta na altura era uma catraia com 10 anitos, mas também falava pouco comigo. Chegava a casa e metia uma cassete no vídeo. Eu estava a ver uma novela que andava a dar e ela metia a cassete no vídeo e eu já não via a novela. Eu dizia: “ó filha deixa-me ver a novela e depois pões o vídeo”. Ela respondia:” Agora quero ver isto”). E fui eu que lhe dei o vídeo. Mandei-a escolher, ela escolheu e eu paguei. [...] P4

“[...] A minha filha fez anos em Dezembro, dia 12. Eu levantei-me, peguei no porta-moedas e fui comprar uma rosa. Ela veio ter ao pé de mim e viu-me com a rosa. Ficou toda contente. Mas ela a mim, nunca me deu nada! [...] P7

Outro sentimento negativo dos idosos e provocado pela família é o sentimento de rejeição:

“[...]Deixaram acabar tudo lá em casa! Tudo!·...] P3

A indiferença é um sentimento negativo, mas sentido pelos idosos:

“[...]A minha família não quer saber de mim, nem é preciso! [...] P3

“[...]Depois da minha mulher falecer, mais ninguém se preocupou comigo. Tenho um filho que tem um salão de cabeleireira. Mesmo ela, nunca foi capaz de me convidar para ir lá almoçar, ou comer um caldo a casa dela. Ao fim de semana podia-me convidar. Podia dizer: ò pai, pelo menos ao fim de semana, já que os outros não querem saber de si. Venha ter comigo. Porque afinal, eu sou o pai dela! [...] P3

Por vezes, o medo também lhes assombra a sua vida:

“[...]A minha filha está sempre a dizer que eu nunca mais morro. Mas sabe ela ameaça que se vai matar. Ela até já comprou uma corda e diz que se há-de matar. Tem-na guardada debaixo da cama [...] P7

Dadas as vivências de um idoso a mágoa não o deixa esquecer aquilo por que passou:

“[...] O meu filho ligou-me e disse-me: ò pai, então eu fui aí a casa e o pai não me quer ver? Eu respondi: Olha, estou muito magoado contigo. Porque nem tiveste coragem de ir pagar a remissão da campa da tua mãe! Ela era vossa mãe, não era minha. Foi minha mãe e minha mulher durante 60 anos. Para remir a campa foi preciso eu tirar o dinheiro da minha miséria de reforma.[...] P3

Apesar da família ser causadora de alguns sentimentos negativos ao idoso, por vezes a culpa também os assola. Sentem-se culpados por algumas atitudes que a família possa revelar em relação a eles:

“[...] a minha filha não me ajuda em nada a envelhecer com dignidade. Foi má escolhe ter ido viver com ela. O meu filho dá-me muitas prendas. A minha filha nunca me deu nada! [...] P7

Além da família ser causadora de sentimentos negativos por parte dos idosos, por vezes também ocorre a expressão de sentimentos e necessidades ambíguos. Os idosos não deixam transparecer através dos seus discursos a clareza da natureza dos seus sentimentos e por vezes há então sentimentos considerados ambíguos.

A família permite aos seus idosos sentirem-se úteis. Este sentimento de utilidade é muito valorizado por eles. Faz com que os idosos sintam que ainda têm muito para dar:

“[...] Ainda ontem, a minha filha foi andar a pé. Ela vai sempre andar a pé no fim de comer. Mas gosta sempre de deixar a cozinha arrumada. Então meteu a loiça na máquina de lavar e deixou os tachos na banca, porque ela não gosta de os lavar na máquina. Gosta de os lavar à mão. E então eu lá os lavei. Quando chegou, perguntou-me a ralhar: Porque é que foste lavar os tachos? E eu disse: Olha, apeteceu-me. O que é que queres, não posso? Ajuda-me a passar o tempo! [...] P1

“[...]No que posso, gosto de ajudar, mas ela não me deixa fazer nada! [...] P2

“[...] Eu gosto de lavar a loiça do pequeno-almoço ou então de tirar a loiça da máquina que fica do dia anterior. Mas tenho empregada, não dá para fazer. È que eu gosto muito da vida de casa [...] P2

A submissão à vontade da família coloca por vezes os idosos numa posição de ter de submeter a sua vontade à da família para assim encontrarem harmonia no dia – a – dia:

“[...]A minha filha não me deixa fazer nada. Ela não me deixa trabalhar, porque sabe que eu já trabalhei muito [...] P1

“[...]A minha filha não me deixa fazer nada. Podia-me deixar limpar o pozinho, ou isso, mas ela não deixa. Mas eu gostava de poder fazer alguma coisa. Às vezes queria passar a ferro, mas ela diz que já não sei passar a ferro, mas não é nada, é para eu não trabalhar. [...] P1

Há situações em que os idosos se sentem um encargo:

“[...]Levanto-me por volta das 7:30, 8:00, faço a minha higiene, depois preparo o meu pequeno-almoço para não estar a incomodar a minha filha, graças a Deus, ainda tenho forças para o fazer [...] P1

Sempre que a situação o permite, o idoso aproveita a possibilidade de participar na vida familiar:

“[...] O pequeno-almoço sou eu que o arranjo. Nós temos o micro-ondas, é num instante. E se não fosse o micro – ondas, eu também o arranjava no fogão [...] P1

Situações há em que os diversos membros da família são assolados por um sentimento de incompatibilidade:

“[...] Ela (a minha nora) não falava comigo, não me dirigia a palavra, nadinha, nadinha... Eu só comia se o meu filho viesse a casa. Era ele que me chamava para comer. Eu comia ao lado dele, era ele quem me deitava para o prato.[...] P4

O sentimento de oportunismo é por vezes sentido pelos idosos como algo que não lhes agrada, mas que por outro lado têm de aceitar para assim levarem o seu dia-a-dia com mais tranquilidade:

“[...] O meu filho mais novo, aquele com quem estive é que me apanhou a massa, a maior parte da “massa”. Ele ainda veio ali algumas vezes a casa, mas só vinha para nos incomodar. Trazia cartas, que não tinham valor nenhum para mim nem para ele, e depois apareceu-me com uma carta escrita a pedir, de onde vinham as cartas que a morada tinha sido alterada. Eu lá assinei aquilo, mas a minha mulher não levou a bem, porque há sempre falcatruas. Mas fiz, está feito.[...] P3

“[...] Nunca fazíamos as refeições com eles. Só fazíamos alguma coisa, enquanto a minha mulher foi viva. A partir daí acabou-se. Enquanto ela foi viva, a falecida é que fazia o comer e eles comiam e punham-se a andar. Nós é que tínhamos de lavar a loiça e arrumar tudo. Ela é que era a criada. Ainda por cima dava-mos dinheiro e ainda éramos criados deles.[...] P3

Na maioria dos casos, os idosos referiram sentirem-se a mais. Contudo o seu intimo emanava compreensão e acomodação. Segundo estes idosos é perfeitamente compreensível que se sintam a mais na casa dos seus familiares, pois o lugar deles não deveria ser ali, não deveriam estar a atrapalhar a rotina familiar. Alguns referem ainda que por vezes os seus familiares não demonstram entre eles sinais de afecto devido à sua presença. Contudo não há outra forma de entender a situação senão compreender e acomodarem-se.

“[...] Nós damo-nos muito bem, só que há sempre um encargo, o coiso de nunca estarem à vontade. Temos de dizer a verdade, não é? [...] P1

“[...] Vivo condignamente. Mas sinto-me a mais. Isso é verdade. Sinto, porque sei que eu acho que se estivessem sozinhos, sentavam-se no sofá, lá se beijariam. Coisa que não fazem, não é? E eu sinto-me a mais por isso. [...] P1

“[...] Não quero dar trabalho, nem despesa. Porque sempre há despesa. Se estão eles sozinhos lá vivem como podem, de qualquer maneira. Se estou eu já têm mais qualquer coisinha de parte. Não acha? [...] P5

“[...] Não, eu não vou para a mesa. Eu sento-me na minha cama e eles levam-me lá o comer. Não vou para a mesa porque não quero. Custa-me a andar, passear para traz e para diante e assim estou ali. E sabe, não quero incomodar. A minha filha é minha amiga, não tenho que dizer. [...] P6

Entendendo por maus-tratos, qualquer agressão física, verbal ou sentimental, os idosos relataram algumas das suas vivências que conduziram à situação de se submeterem a maus-tratos, aliada por outro lado a um fenómeno de compreensão.

“[...] Eu tenho uma filha muito má, com quem eu estou. Batia-me muito, batia ao pai. Ainda tenho um hematoma que ela me fez. [...] P7

“[...] Os meus netos já lhe disseram a ela que tinham pena de terem uma tia tão má. Podia ir para outro filho, não é? Mas olhe, fui para ela. Calhou! È que ao mesmo tempo eu tenho pena dela, menina... [...] P7

“[...] Ela dá-me repelões, assim sem mais nem menos. Às vezes a vestir o casaco ou o roupão ela dá-me repelões, só que entra por aqui e sai por ali. Ela está sempre a dizer-me que está cheia de velhos, um já foi e o outro nunca mais vai[...] P7

“[...] Ela bate-me muito, com a mão dá-me sapatadas na cara, nas costas sem mais nem menos. É mesmo instinto mau. Nunca me pediu desculpa. É mesmo malvadez. [...] P7

De todos os idosos entrevistados, apenas um apesar de ter consciência de que não tinha outra solução senão estar a viver com o seu filho, refere sentimento de arrependimento. Este idoso verbaliza que tudo de bom que este filho lhe proporcionou, foi uma artimanha para lhe ficar com o dinheiro. Refere ainda que ele só foi seu amigo enquanto a mulher foi viva.

“[...] O que estragou tudo foi aquele dinheiro que este filho me apanhou. Os outros filhos ficaram aborrecidos. Este, tudo o que me fez, foi para me caçar o dinheiro[...] P3

O que a família proporciona por vezes aos idosos é um sentimento de saudade do passado. Eles sentem saudade da sua independência, de serem totalmente autónomos. Saudade do seu espaço próprio, saudade de se sentirem importantes e com valor:

“[...] a minha nora nem falava comigo, nem boa tarde, nem bom dia. Ela fazia de conta que eu era uma cadela. E eu estava habituada aos meus filhos. Os meus filhos eram assim: era mãezinha, paizinho, mãezinha isto, paizinho aquilo, nunca saíam para trabalhar sem nos darem um beijo. Ao Domingo, para saírem davam-me um beijo, às vezes chegavam lá fora e vinham para dentro e davam-me outro beijo três e quatro vezes, mas faziam de propósito. Eu até dizia ide embora, ide

com a Nossa Senhora. Parece que estais a despedir-se de mim...E depois tudo mudou, nunca mais[...] P4

1.2.3 Família como ponto de equilíbrio

Este tema surgiu após a análise pormenorizada das entrevistas, e ao contrário do que estávamos à espera, mesmo havendo uma série de sentimentos negativos proporcionados pelas relações familiares, a família representa um ponto de equilíbrio.

O tema fundamenta-se na fusão de dois sub-temas: **Afectividade como ponto de equilíbrio e busca do equilíbrio pessoal e familiar:**

Os participantes foram revelando nos seus discursos: que a afectividade com a sua expressão de variados afectos, contribuía para entenderem a família como ponto de equilíbrio. Neste sub-tema, os idosos referem os afectos positivos:

A diversa expressão de afectos é verbalizada e encarada pelos idosos como algo que os ajuda a sentirem-se bem-vindos no seu meio familiar:

“[...] Criei os filhos. Sou viúva e portanto vivo com esta minha filha, genro e dois netos. Sou viúva há vinte anos e vivo com esta minha filha desde sempre. Ela ficou sempre comigo. Porque estávamos a viver juntos não é? Ela depois casou e ficou a viver comigo até fazer uma casinha. Eu ajudei-a naquilo que pude e ela fez uma casinha. Depois o meu marido morreu e ela levou-me para a beira dela. Por isso fiquei sempre a viver com ela até hoje.[...] P1

“[...]Tenho uma ligação muito forte com esta filha, tenho!![...] P1

“[...]São muito meus amigos, muito meiguinhos para mim.[...] P1

“[...] durante a semana não ia lá visitar-me, o meu genro, porque não tinha vagar, andava a trabalhar, mas ainda chegou a ir lá algumas vezes à noite, das 7 às 8, na hora da visita e às vezes a minha filha também ia com ele quando não podia ir de dia. O meu genro é pintor [...] P1

“[...] Às vezes apetece-me ajudar a minha filha. Ainda ontem pensei, ela vem cansada de andar, eu lavo-lhe os tachos e até lhe vai saber bem. Eram só dois tachos, lavar a banca e limpar a mezinha. Ela não me deixa fazer nadinha, nadinha [...] P1

“[...] E pronto, sou feliz, graças a Deus com os meus filhinhos, os meus netinhos. Sinto-me apoiada. Eles são muito meus amigos. Quando me vêm doente, já não sabem o que me hão-de fazer. Levam-me logo ao médico, aqui ou ali. Levam-me a passear [...] P1

“[...] só tenho bem a dizer dele. Se ele soubesse que eu queria comer qualquer coisa que não tinha, ele ia não sei aonde arranjar [...] P1

“[...] Sabe que a gente para se dar bem, tem de compreender o feitio dos outros. Não somos todos iguais. Se às vezes eles têm um aborrecimento os dois e se o aborrecimento vai um bocado mais longe ele conversa comigo. Não é a minha filha. È ele que conversa comigo [...] P1

“[...] às vezes eu estou em casa e ele toca À campainha. Eu venho abrir a porta e ele diz obrigado. É educado não acha? [...] P1

“[...] O meu genro chega a casa e se eu estiver na sala vem dar-me as boas tardes [...] P1

“[...] Se a família é importante? Ai, eu acho que é. Claro que é. Eles são tão meus amigos. Sozinha estava perdida. Mas tenho a certeza de que a minha filha nunca

me deixaria sozinha, nunca, nunca...Tenho a certeza disso. Eles são muito meus amigos, brincam comigo. Damo-nos todos muito bem, graças a Deus. Há uma amizade entre nós que Deus me livre [...] P2

“[...]A minha filha, ai Jesus! É muito minha amiga [...] P5

“[...]O meu genro é muito meu amigo e vivemos todos muito satisfeitos [...] P5

“[...]às vezes o meu genro chega e pergunta por mim à minha filha. Ela diz-lhe que eu estou na igreja, porque eu gosto muito de lá ir. Então ele pergunta-lhe: queres que vá lá saber dela? E então ele vai-me buscar. Somos assim, amiguinhos uns dos outros! [...] P5

“[...]O meu genro é muito meu amigo. É muito bom rapaz. [...] P6

Além da expressão de afectos, os idosos exteriorizam uma grande necessidade de afectos:

“[...]E portanto vivemos sempre muito bem, graças a Deus. Às vezes há assim uma palavra mais alta, mas é como em todo o lado! Às vezes digo assim: o meu genro nunca se vai ver livre da sogra. Já fizeram 25 anos de casados e sempre a viver com a sogra. [...] P1

“[...]A família é muito importante para mim [...] P1

“[...] Somos uma família muito unida. Não me sinto a mais lá em casa. Nunca, nunca me senti a mais. Quando a minha filha casou ficou a viver comigo, agora sou eu que vivo com ela, por isso vivemos sempre juntas [...] P2

“[...] Só que agora chegou a ocasião de... custa-me de manhã a vestir, preciso de ajuda! [...] P8

“[...] Eu sou mais conversadora que a minha irmã. Ela era capaz de não falar com ninguém [...] P8

“[...] Sinto-me muito só. Por exemplo, a minha irmã gosta de estar no sofá estendida e eu não. Eu já ponho a máquina a lavar, secar [...] P8

Nos discursos analisados é bem visível a relação forte que existe com os descendentes:

“[...] Tenho uma ligação muito forte a esta filha, tenho!! [...]“ P1

“[...] Os meus netinhos? Ah! A minha neta já tem 24 anos e nunca me deixou a cama, ainda dorme comigo. Dou-me tão bem com eles, converso com eles. Às vezes eles ainda são capazes de me contar mais coisas a mim do que propriamente à mãe. Estão habituados assim. Contam-me tudo da vida, deles, dos namorados, isto, aquilo... contam-me tudo [...]“ P1

“[...] Os netos também são bons, são meus amigos. O mais novo é muito esperto [...]“ P2

“[...] Os dois netos mais velhos fui eu que os criei [...]“ P2

“[...] Eu fui mãe deles propriamente [...]“ P2

“[...] Adorei sempre os meus netos, fui eu que os criei, fui eu a mãe deles. E eles comigo, são na mesma. A avó para eles é tudo. Eles falam muito comigo, não me

podem ver doente. Se estou doente, estão sempre a telefonar lá para casa a saber como é que eu estou [...]“ P2

“[...] Ora a minha neta, a cada passinho apresenta-se à minha frente para conversar. Somos uma família onde é tudo amigo. [...]“ P5

Outros afectos bastante valorizados pelos entrevistados são a Intimidade e a Confidência:

“[...] Às vezes os meus netos ainda são capazes de me contar mais coisas a mim do que à mãe. Contam-me tudo da vida deles, dos namorados... contam-me tudo [...]“ P1

“[...] Ela desabafa muito comigo, do trabalho, dos problemas dela. Só não me conta de problemas que tenha com o marido. E eu desabafo com ela [...]“ P1

Em certas ocasiões, a vivência com os familiares reúne uma série de condições que permite ao idoso sentir-se um ponto de equilíbrio:

“[...] Uma vez, ia sendo mesmo a sério, o meu genro ia mesmo sair de casa. Não sei se foi para casa da mãe. Então ele foi lá a casa buscar as coisas de barbear e eu disse assim: eu estou a fazer o jantar e faço a mais. Logo você vem cá jantar? E ele disse, não, não venho. Oh, venha lá, debaixo das mantas é que se fazem as pazes e portanto não esteja assim. Vocês já têm dois filhos e a separação não é nada boa. Portanto venha cá jantar. Ele lá subiu as escadas e quando desceu disse: faça então o jantar que eu venho. Ele tem uma relação mais próxima comigo do que com os próprios pais. È como um filho, não tenho que dizer nada dele, não tenho a mínima queixa. Nunca me ofendeu em nada [...]“ P1

“[...] De outra vez, o meu genro veio ter comigo e disse: vamos separar-nos não estamos a dar-nos nada bem. Sabe que eu sei que a minha filha tem um feitio bastante complicado. Eu penso que ela não se quer rebaixar a ele. Isto é o que eu penso. A minha filha não me diz nada. Foi para aí há dois anos ou três, tiveram um aborrecimento muito grande. Ele não comia, ela não comia e eu disse assim: se isto continua assim eu vou para minha casa, eu não me sinto bem assim. Eu lá falei com ele e à noite já estava tudo bem [...]“ P1

“[...] Ui, a minha família é muito minha amiga. Tenho de dar graças a Deus, quantos há que não se dão. Já não me via sem eles. Ela é que me faz tudo, tudo, tudo [...]“ P5

O sub-tema **Busca do equilíbrio pessoal e familiar** divide-se em dois por dois motivos. Uns idosos tentaram encontrar o seu equilíbrio pessoal e familiar, através da busca de uma nova família por experiência familiar anterior negativa. Outros, devido à experiência familiar anterior também negativa tentaram procurar a sua independência.

Busca de uma nova família por experiência familiar anterior negativa.

Os idosos referem sentir necessidade de ajuda:

“[...] Eu tive que olhar em frente e encontrei uma senhora que olha por mim maravilhosamente. É um encanto de senhora [...]“ P3

“[...] Depois da minha mulher falecer, mais ninguém se preocupou comigo. Tenho uma filha que tem um salão de cabeleireira. Mesmo ela nunca foi capaz de convidar para ir lá almoçar, ou tomar um caldo a casa dela. Ao fim de semana podia-me convidar. Podia dizer: ó pai, pelo menos ao fim de semana, já que os

outros não querem saber de si, venha comer comigo, porque eu sou pai dela [...]“
P3

“[...]A minha filha nunca foi capaz de me convidar. Fomos lá algumas vezes, mas no tempo da mãe. De longe e longe...em dias de festa lá se lembrava de nos convidar. Depois da minha mulher falecer, durante algum tempo quem me lavava a roupa era a minha nora, mas a partir de certa altura nem isso me fazia. Eu punha a roupa num saco para ela lavar. Mas a partir de certa altura nem isso ela me fazia [...]“ P3

A necessidade de diálogo e convívio também levaram alguns idosos a procurar uma nova família:

“[...]O meu fim-de-semana é assim: umas vezes com ela (a minha actual mulher, na altura amiga do centro de dia), outras vezes sem ela. Se ela me aparecia, passávamos um pedaço juntos. Às vezes íamos almoçar. Almoçamos algumas vezes, mesmo antes de nos casarmos. Depois ela ia para casa dela e eu ia para a do meu filho. [...]“ P3

“[...] Agora tenho uma vida diferente, em Setembro faz 2 anos que estamos casados. Sou feliz. Quando não estamos aqui no centro, ou estamos em casa, ou vamos dar uma voltita, ou tomamos um cafezinho com pouca coisa, porque não podemos espalhar muito. O dinheiro é pouco. [...]“ P3

“[...]A minha filha às vezes vai à cabeleireira e chega a casa e em vez de me ajudar, pega numa cadeira e vai para o jardim conversar com os vizinhos. Comigo pouco conversa. Por isso decidi vir para o centro. Vinha mais o meu marido.

Lanchávamos e depois íamos embora. Agora só vou às 19:30. Vim para cá para ter mais companhia. Estava em casa, estava sozinha.[...]“ P7

Por vezes, os idosos buscam apenas compreensão:

[...] Com o meu filho mais novo, passou-se o seguinte: ele vinha-me visitar e eu recebia-o no jardim. Era ele: pai se precisar de alguma coisa diga. Mas, se eu precisava de alguma coisa era quando estava lá em casa dele. Só precisava que me estimassem [...]“ P3

[...] Isto é uma doença que se pega. Os filhos não olharem pelos pais, é uma doença que se pega, é uma doença contagiosa. Os velhos todos se queixam dos filhos. Há poucas pessoas que digam bem dos filhos. Os filhos estão sempre a ver os pais a nadar em dinheiro. Para que é que precisam de dinheiro? Para que o querem? É para estragar?[...]“ P3

Busca de independência por experiência familiar anterior negativa.

A necessidade de diálogo e convívio levam os idosos a procurar independência:

[...] A minha nora é o diabo em figura de gente, ou era... porque agora parece que está mais mansinha. Mas eu quase de rastos, como se costuma dizer para ela falar para mim [...]“ P4

Os idosos deixam transparecer também a necessidade de viver no ambiente natural:

“[...]Aqui há uns tempos estive mal e fui para o hospital durante a noite. Passou lá por casa uma sobrinha minha e viu a casa fechada. Ligou para lá, e claro ninguém atendeu. Então ela ligou para o hospital. Era ela a ligar e a enfermeira a tentar ligar para ela. È sempre o contacto dela que eu dou [...]“ P4

“[...] Quando preciso de alguma coisa também recorro ao meu vizinho, tenho o número do telemóvel dele, ligo-lhe e ele vem logo. É assim. [...]“ P4

Necessidade de fuga aos maus tratos físicos e verbais.

“[...]Então fui ter com a minha nora À cozinha e disse-lhe: olha minha filha, até a tratei por filha, eu da maneira que estou a viver, estou a ver que não posso viver o resto da minha vida. Tenho que me ir embora. Ela respondeu-me: vá quando quiser. Ainda lhe dou o dobro do dinheiro para você se ir embora. A menina o que é que acha que fazia? Ia-se embora não é? Mas para onde? Mas eu pensei, eu hei-de arranjar um buraco, nem que eu vá para um porta l[...]“ P4

“[...]Se o meu filho me viesse buscar eu ia, mas ficava com pena desta minha filha. È triste, são muitos anos de maus tratos [...]“ P7

Num dos casos analisados, existe incompatibilidade com alguns elementos da família:

“[...] De maneira que então como eu estava tão desesperado fui ter com a minha nora, porque ela trabalhava em casa de costura, fazia cortinados. Se ela estivesse na sala eu não podia lá estar, se ela estivesse na cozinha eu não podia lá estar. Ela não falava comigo, não me dirigia a palavra, nadinha, nadinha. Eu só comia se o meu filho estivesse em casa. Era ele que me chamava para comer. Eu comia ao lado dele, era ele que me deitava para o prato. [...]” P4

“[...] A neta na altura era uma catraia com 10 anitos, mas também falava muito pouco comigo. Chegava a casa e metia uma cassette no vídeo. Eu estava a ver novela que andava a dar e assim não podia ver. Eu dizia: Ó filha deixa-me ver a novela e depois pões o vídeo. Ela respondia: agora quero ver isto. E fui eu que lhe dei o vídeo. Mandei-a escolher. Ela escolheu e eu paguei. [...]” P4

1.3 Reflectindo sobre os significados do contributo da família para o envelhecimento com dignidade

Os significados do contributo da família para o envelhecimento com dignidade que emergiram da análise levada a cabo a partir de textos – relato dos participantes do nosso estudo, induzem-nos agora a realizar uma nova reflexão sobre os resultados encontrados. Pretendemos deste modo, levar a cabo, uma reflexão que contribua para a melhor compreensão do fenómeno em estudo.

Desta vez, a nossa reflexão será apresentada, tendo por base uma fundamentação que advém do recurso a considerações teóricas de vários autores e a outras informações relativas a estudos de diversa ordem.

A reflexão que nos propomos agora encetar, constitui uma forma de simultaneamente discutir e meditar sobre os resultados da pesquisa e enfatiza a importância da actividade textual, da escrita reflexiva e da arte de escrever e rescrever, propostas por van Manen (1997).

Esta discussão será apresentada de forma temática e a reflexão sobre os temas seguirá a ordem apresentada nos pontos anteriores.

1.3.1 A Família como Fonte de Dignidade

A partir dos discursos dos participantes do nosso estudo, sentimo-nos impelida a reflectir sobre a dignidade humana enquanto significado do contributo da família.

O lugar dos mais velhos na família depende da sinergia endógena do próprio agregado, do percurso dos seus membros, da forma como se adubou, ao longo da vida, a árvore genealógica (Guimarães, 1999). E tal como refere Ana Alexandra Fernandes, a “instituição família é ainda o garante da solidariedade necessária aos ascendentes em situação de velhice” (Fernandes A, 1997)).

Para os entrevistados, esta dignidade que lhes é valorizada está presente em pequenas tarefas, que aos olhos dos outros poderão parecer insignificantes, como é o caso da realização das actividades quotidianas com a família, desde a satisfação das necessidades básicas até aquilo que os idosos caracterizam como atenções especiais da família.

A satisfação das necessidades básicas prende-se com o acto de preparar o banho, o almoço, preparar a roupa para vestir e as pequenas tarefas domésticas. O facto de partilharem o momento das refeições com a família, e ser-lhes possibilitado ter um papel activo na vida familiar, permite então aos idosos classificar a família como fonte de dignidade. A família é então um lugar onde a sua dignidade é reconhecida.

É então importante salientar Daniel Serrão em (A Dignidade da Pessoa No Ocaso da Vida), quando diz que “não é o comportamento moral que fundamenta a dignidade humana. A dignidade é inerente à pessoa, ao ser humano enquanto tal”.

Um dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 referido por Lenoir e Mathieu é o respeito pela vida privada e familiar. Cabe então referir a noção de ética de responsabilidade de Hans Jonas, que assenta no cuidado, que nos põe no centro de tudo o que nos acontece e que nos faz responsáveis pelo outro, o outro que pode ser um ser humano, ou um grupo social, um objecto, um património, a natureza, o outro que pode ser o nosso contemporâneo, mas que será cada vez mais um outro futuro cujas possibilidades de existência temos que garantir no presente.

Muitos autores, entre eles Morrison (2001), defendem que não se deve menosprezar a importância dos cuidados físicos. A necessidade de realizar as tarefas básicas significa que idoso e família têm de estar algum tempo em contacto.

A alimentação tem um papel significativo no padrão de vida diária de todos os grupos etários e para a maioria das pessoas é uma actividade agradável mas, independentemente do prazer obtido, ela é essencial à vida.

A manutenção da higiene pessoal é necessária para o conforto, segurança e bem-estar do indivíduo. Potter e Perry (1999) afirmam que as práticas de higiene “são congruentes com a promoção da saúde.”

O vestuário é um meio de comunicação não verbal. No entanto, a maioria das pessoas veste-se por razões de adorno pessoal e tira grande satisfação disso. Potter e Perry (1999) referem que o conforto é uma necessidade básica da pessoa. Estes mesmos autores advogam que o conceito de conforto é subjectivo. Cada pessoa interpreta o conforto e vivencia-o segundo características psicológicas, sociais, espirituais, sociais e culturais.

Assim sendo, e na sequência do que temos exposto, as atenções especiais dadas pela família são referidas pelos idosos como fonte de dignidade. Não é em vão que hoje a dignidade humana alicerçada nas responsabilidades aparece ligada a expressões que vão desde a “qualidade de vida”, “ao cuidado”, “à carícia”, “à compaixão”.

Desde o simples facto de preparar uma sopa especial, ao sair juntamente com a família para dar um passeio, o lembrar-se do seu aniversário, o satisfazer pequenos desejos, uma visita ao hospital quando estão doentes, ir passar férias com a família, o preocupar-se com o idoso quando este sai sozinho e a infinita forma de expressão de valores familiares permite conotar a família como fonte de dignidade.

A distração é importante ao ser humano em qualquer etapa da vida, e pela importância desta actividade Diogo (2000) refere que na terceira idade “deve ser incentivada para prevenir a solidão e o isolamento, tão comum após a interrupção das actividades profissionais”.

A felicidade é encarada pelos idosos como o bem-estar, o contentamento e a satisfação que a família lhes proporciona. Sentem-se afortunados. Os idosos verbalizam essa sensação utilizando expressões como: “sou feliz, sinto-me feliz”, e quase todos agradecem a Deus esta situação, pois em contraposição conhecem histórias de vida de outros que infelizmente não podem afirmar o mesmo. De salientar é a postura e a forma como o dizem. Dizem-no radiantes, satisfeitos com um sorriso do tamanho do mundo.

Costa, Silva e Sousa (2002), referem que o apoio “da família é essencial para que o idoso se sinta feliz e é através dela que este sente a segurança para continuar a viver.”

“A família deve estimular a relação afectiva existente, quer ao nível da ternura (...) e valorizar e cultivar dos laços, intrínsecos ao idoso...” (Nunes R, 2001).

O idoso necessita, como qualquer um de nós, de carinho, de amor e atenção. Segundo o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1981), o carinho é uma espécie de “demonstração de amor nas palavras e acções”. Também o Dicionário da Língua

portuguesa Contemporânea (2001), define o carinho como um “sentimento de ternura que se exprime por palavras ou gestos afectuosos”

O carinho e o amor são então valores presentes nos relatos dos idosos. O facto do genro chegar a casa e cumprimentar a sogra, os netos que sem a avó já não conseguem viver...

Tal como os idosos, outrora mais jovens quiseram inculcar na sua família estes valores, estes, agora sentem-se satisfeitos ao verem que esses valores foram preservados e mantidos no seio familiar. Sente-se bem ao serem alvo desse amor e carinho.

Citando o documento de trabalho do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (1999), não há só fases na evolução temporal da dignidade, como existem também fases de consciência desta dignidade. As situações de perda progressiva da dignidade, como é o caso da velhice, geram na consciência, uma espécie de indignidade existencial e exigem por parte do outro um suplemento de respeito, como se devêssemos restituir-lhe a sua dignidade psicológica. Este respeito é outro dos valores familiares mencionados pelos idosos. Ao serem respeitados sentem-se mais valorizados, sentem que ainda são uma mais – valia ao ambiente familiar.

Costa, Silva e Sousa (2002), defendem que a “família deve preservar a compreensão e respeito que os idosos tanto merecem...”

Born (2000) diz que respeitar o idoso consiste em “criar condições para que ele possa exercer a sua autonomia...”

Assim sendo, o sentimento de respeito no seio familiar permite a esta instituição ser conotada como uma fonte de dignidade.

Segundo Freitas (1992), o respeito é o “sentimento moral inspirado pela eminente dignidade da pessoa, reconhecida como um valor a salvaguardar e a promover.”

Após a análise dos discursos, podemos referir que a relação inter – pessoal familiar não existe sem a dimensão respeito. Respeitar o idoso não é só uma questão de boa educação. Consiste em acreditar que todo o ser humano é único. Sendo o respeito considerado como um valor incondicional, então o idoso é respeitado não por causa de qualquer mérito, dignidade ou competência, mas sim pela sua condição de Pessoa, ou seja, como ser único, digno e que tem uma visão do mundo que lhe é específico.

Nunes *et al.* (1997), referem que “ o respeito enquanto valor moral, é desenvolvido pela vivência...”Isto pressupõe que a família compreende os valores e as escolhas dos idosos. Sendo o respeito um valor, este deve ser manifestado por comportamentos que traduzidos por atitudes são mais eloquentes do que as palavras. Respeitar é transmitir, através da aceitação incondicional, o reconhecimento dos valores e as crenças do idoso.

Outro valor verbalizado pelos idosos, e que vem na sequência do respeito, é a permissão da família para que eles consigam a manutenção da sua independência, ou seja dar-lhes espaço e condições para que se sintam autónomos e independentes.

Geralmente, quando as pessoas idosas recorrem aos filhos, fazem-no por necessitarem de apoio. No entanto fazem-no com alguma relutância, pois se possível eles gostariam de manter a sua independência.

O facto de os filhos permitirem a sua participação nas lides domésticas, permitirem preparar as refeições, passarem a ferro...confere aos idosos a sensação de que são independentes e de que não necessitam dos filhos para estas actividades, referindo os mesmos que não gostam quando tal não acontece.

Segundo Finch (1989), a relação ideal será a de manter um bom relacionamento, mas sem depender dos familiares directamente.

1.3.2 A família como fonte de relações e sentimentos controversos

Deste modo, enquanto, por um lado, a família consegue proporcionar ao idoso bem-estar e portanto conferir-lhe dignidade, por outro lado, por vezes a família torna-se uma fonte de relações e sentimentos controversos.

O sentimento de repugnância e rejeição que os idosos referem, motivados pela família, refere-se a nora e neta. Não houve nenhum idoso que relacionasse estes sentimentos com filhos, filhas ou netos. O facto de não lhes limparem o quarto é, sob o ponto de vista do idoso, sinal de que a família o rejeita.

O idoso facilmente se deixa acometer de um estado de ânimo caracterizado por tristeza, associada a solidão, males desta sociedade.

Recordando Paul (1997), os idosos têm uma “maior vulnerabilidade para experimentarem solidão...”

A solidão é um sentimento penoso associado à percepção (correcta ou não) de que não se é importante para outrem e é referida por alguns idosos e está relacionada com a repugnância e a rejeição das noras e netas. Apesar de não viverem sozinhos, o facto de se sentirem rejeitados, fazem-nos sentir sozinhos, não tendo ninguém com quem conversar e partilhar o tempo que teima em não passar. Por vezes os idosos referiam que se a nora ou neta estivessem em determinada valência da casa eles não poderiam lá estar, não poderiam partilhar o mesmo espaço. É a diferença entre solidão e isolamento: pode sentir-se solidão sem se estar física ou socialmente isolado.

O desconforto que a família causa ao idoso, não sendo necessariamente com intenção, por vezes leva-o a pensar em sair de casa. Mas para onde? Alguns ainda têm casa própria, mas a família não lhes permite a sua saída.

Em alguns casos, a situação atinge determinado nível que os idosos desejam a morte, não suportam a solidão, não terem quem converse com eles, havendo casos em que ocorre mesmo a violência física de uma filha para com a mãe.

A experiência de tristeza é composta por desânimo, desencorajamento, solidão e sensação de estar isolado. O facto de o idoso se confrontar com a perda de papéis quer na sociedade quer no seio da família, conduz a uma diminuição de “status” e, por sua vez, a um sentimento de diminuição e desvalorização da sua própria vida (Pires L, 1994) Assim sendo começam a emergir estados de ânimo negativos como é o caso da tristeza.

A tristeza vem então na sequência da solidão, dos maus-tratos físicos e psíquicos e da indiferença. Tudo isto representa sofrimento.

Por conseguinte, ocorre uma baixa no auto estima e um sentimento de desprezo. O idoso sente-se desprezado e como tal sente-se um objecto dotado de valor nenhum. O facto de não mudarem a roupa da cama ou não permitirem que o idoso veja televisão conduz a uma baixa de auto estima a que o idoso se entrega e tem dificuldade em deixar.

A rejeição é referida pelo idoso quando, por exemplo, deixaram acabar a comida em casa para que desta forma o idoso se sentisse rejeitado e assim decidisse ir embora. Aliado a este sentimento de rejeição está então a indiferença.

Cabe então aqui lembrar Teixeira (2001) quando refere que no mundo actual a solidão é associada “à perda de algo e ao saudosismo desse algo que se perdeu...”.

Na sociedade moderna há uma série de factores que propiciam a tristeza, entre eles, o egoísmo, os estilos de vida, a falta de tempo para estar com a família, a falta de diálogo e a competitividade na vida económica moderna, que conduzem a situações de mau estar emocional que engloba a rejeição, a indiferença, o desprezo, baixa de auto estima, o sofrimento e a tristeza.

Outros idosos há que passam o dia a dia com medo e assustados com aquilo que a família lhes diz. Os filhos têm coragem de dizer directamente aos pais que anseiam pelo

seu desaparecimento e ameaçam que mais cedo ou mais tarde também irão atentar contra a sua própria vida. O idoso vive aterrorizado com esta situação.

Deste modo, a mágoa, instala-se nas suas vidas, sendo que a família os faz sentir magoados com as suas atitudes. No entanto, o idoso por vezes sente que também pode ter alguma culpa por algumas atitudes que a família possa ter para com eles. O facto de haver algumas situações a existência de uma recompensa monetária, faz com que após a aquisição dessa recompensa o idoso passe a ser tratado de uma forma completamente diferente. Posto isto o idoso sente-se culpado, pois se essa retribuição monetária não existisse se calhar as coisas teriam um desenvolvimento e desfecho diferentes.

O sentimento de utilidade demonstra-se ambíguo na medida em que os idosos participantes desta pesquisa, sendo autónomos, ainda se sentem em plenas capacidades para ajudar em pequenas coisas. No entanto, a família não o permite, referindo que preferem que os idosos não o façam, não porque não sabem, mas porque já trabalharam muito e agora precisam de descansar. A este propósito Cordeiro (2002), relembra que a partir do momento em que a produtividade do idoso baixa ele vê-se “na penosa situação de passividade e marginalização da vida activa”.

É fundamental contrariar o sentimento de inutilidade através do envolvimento dos idosos na vida familiar, reforçando deste modo, a sua auto-estima, impedindo que se veja inactivo e desinserido da vida familiar. Para Relvas (1996), a ausência de responsabilidades “não se preocupe, isto é connosco, não se incomode eu faço, a mãe não é capaz” conduz ao sentimento de inutilidade.

Assim sendo, os idosos, por vezes têm de submeter a sua vontade à da família para conseguirem ter um ambiente harmonioso. Submetem-se não porque concordam, mas porque sabem que só assim não haverá lugar a desentendimentos.

Segundo um documento emanado do Conselho Económico e Social (1994), a tendência é a exclusão da pessoa idosa, por vezes chegando a ignorar as suas preferências. Assim a opinião e vontade do idoso são frequentemente ignoradas, criando um mau estar e um sentimento de incapacidade e de dependência face aos que o rodeiam.

Parafraseando Guimarães (1998), uma grande parte dos problemas que afectam a população idosa decorre de uma subvalorização dos seus direitos e da sua fraca capacidade reivindicativa. Deste modo, é urgente investir na valorização social do contributo dos idosos, porque não tem sido menos comum ocorrerem inúmeras situações que se podem designar por violação subtil dos direitos do idoso, sobretudo nos “actos quotidianos, comportamentos sociais, pormenores da relação familiar” (Guimarães A, 1998) revelando-se como atentatórios da dignidade dos mais velhos, que os humilham e diminuem socialmente.

Inconscientemente e com a melhor das intenções, temos tendência a menosprezar a opinião de quem se encontra numa situação de dependência, pois como refere Guimarães (1998), a violação de direitos pode ocorrer por paternalismo e excesso de zelo ou por desleixo e crueldade, verificando-se também pelo desrespeito das regras básicas de convivência social e pelo incumprimento das obrigações familiares.

Apesar de a família directamente não os fazer sentir um encargo, por vezes este sentimento assola os idosos. Contudo, os idosos, tendo essa noção, tentam minimizar a situação. Referem fazer as coisas para não incomodar o filho, a filha.

A interacção familiar é vital para o bem-estar do idoso e ele próprio faz parte desse sistema. A este propósito Zimmerman (2000), refere que “ a família deve ajudar o velho a viver não só mais como melhor, de forma a não se tornar um peso para si e para os que o cercam, e sim uma pessoa integrada no sistema familiar”

Sempre que lhes é permitido, os idosos gostam de participar na vida familiar. Tal como foi referido anteriormente eles gostam de se sentir úteis e activos dentro do seio familiar.

Outras vezes surge o sentimento de incompatibilidade entre alguns membros da família, principalmente entre a sogra, nora e neta. Este sentimento de incompatibilidade não é tão visível quando se trata de filho, filha ou até mesmo o genro.

Há situações em que os idosos referem que a família é oportunista e que tudo o que lhes faz e proporciona, fá-lo à espera de algo em troca. Não são carinhosos nem amigos de uma forma altruísta.

Finch (1989) apresenta dados que permitem concluir que os filhos reconhecem que têm o dever de apoiar os pais, mantendo, de facto, em muitos casos um apoio substancial. Os familiares apontam como razões para cuidar dos pais ou parentes idosos um misto de dever, obrigação, amor e afecto. No entanto, nem todos se envolvem de forma desinteressada e altruísta.

Muitas vezes estão em jogo interesses pessoais no sentido de salvaguardar possíveis heranças. Noutros casos, as pessoas têm em vista qualquer outro tipo de retribuição. Segundo Blood (1970), no domínio familiar aposta-se na gratuidade apenas porque se tem a contrapartida como certa.

Outros idosos referem que se sentem a mais e submetem-se a maus-tratos, quer físicos quer verbais. No entanto, por outro lado demonstram compreender a situação e acomodam-se.

Os idosos referem que é “normal” sentirem-se a mais, pois o seu lugar não deveria ser ali. Sentem que a família não está à vontade devido à sua presença.

Os maus-tratos a que se submetem são justificados por eles pela falta de coragem em abandonar os filhos. No fundo eles têm pena dos filhos e acomodam-se à situação.

Um dos idosos refere ainda sentir-se arrependido por ter ido viver com o filho, dizendo que tudo de bom que ele lhe proporcionou não passou de uma forma para lhe extorquir o dinheiro. Este idoso demonstra-se claramente arrependido.

Finalmente, referem ter saudade do passado. Passado este em que os idosos estavam habituados a serem bem tratados, respeitados. Havia laços de afecto entre os membros da família, que desde que os seus filhos casaram e portanto, a partir do momento em que surgem as noras, tudo mudou.

Pensamos ser pertinente referir que as relações entre gerações serão potencialmente mais frequentes nos nossos dias, uma vez que o aumento da esperança de vida leva a que as famílias de quatro gerações se multipliquem, mas não a viverem em conjunto. As famílias de várias gerações vivendo no mesmo domicílio estão a diminuir desde há bastantes anos: “...será cada vez mais frequente um homem e uma mulher de 60 anos terem, simultaneamente, uma mãe de 85 anos e um ou dois netos com idade inferior a 10 anos.” (Roussel, 1992).

1.3.3 A família como ponto de equilíbrio

Mesmo perante a existência de sentimentos controversos proporcionados pelas relações familiares, a família pode representar um ponto de equilíbrio. As diversas formas de expressão de afectos na família permitem aos idosos estar em equilíbrio.

Quando a experiência com a família é negativa, os idosos ou procuram uma nova família para tentarem encontrar o equilíbrio pessoal e familiar que não conseguiram até então, ou decidem buscar a sua independência não querendo partilhar uma nova família.

A expressão de afectos bem como, a necessidade de afectos é extremamente valorizada pelos idosos. Há pequenos pormenores, um gesto, uma palavra que fazem toda a diferença para o ambiente relacional no seio familiar. Os idosos necessitam de afectos como algo básico. Uma relação sem afectos é sinónima de tristeza, solidão, indiferença. É esta necessidade de afectos valorizada pelos idosos, que lhes permite colorir o seu dia a dia.

Relembrando Freitas (1989), a afectividade é a “predisposição ou capacidade natural para exprimir sentimentos de prazer (...) significa também o conjunto de fenómenos de ordem afectiva, como sentimentos, emoções e paixões...”.

O afecto familiar representa um interface comum aos membros de uma família, entre o afecto, vivido individualmente, e os traços de afectos anteriores (Ruffiot A, Ciavaldini A, 2001).

A afectividade transparece no amor que sentem pelo outro. Os cuidados proporcionados pela família só adquirem o real sentido se forem prestados num contexto de afectividade, como refere Albom (1999), “sem amor somos como pássaros com as asas partidas”.

Posto isto, a família continua a ser uma instituição significativa para o suporte e a realização afectiva do indivíduo, “ a família actual tende a valorizar cada vez mais a afectividade...” (Pimentel L, 2001). É de destacar que na sociedade ocidental, a solidariedade que caracteriza a maioria das relações entre gerações, baseia-se na afectividade e não na obrigatoriedade. “o respeito que se tinha pelos mais velhos, baseado na sua autoridade vai-se perdendo e, em seu lugar, fica cada vez mais a afectividade nascida das relações familiares, de parentesco ou de vizinhança” (Hespanha M, 1993).

As relações são um conjunto de “laços entre indivíduos livremente consentidos e mais ou menos estáveis no tempo, englobando as relações amicais e as relações amorosas” (Moser G, 2001).

Mais do que uma boa relação com os seus descendentes, existe uma forte relação com estes: são eles principalmente os netos. Os idosos também falam nos filhos, filhas e genro, mas os netos são o que de mais importante possuem. Já no caso das noras, o mesmo não acontece. Há uma relação de cordialidade, quando não é de incompatibilidade, mas relações fortes não se verificam entre os idosos e respectivas noras participantes desta pesquisa.

A intimidade e a confiança por parte dos descendentes para com os idosos, é algo que os faz sentir importantes, valorizados e com um papel importante na família. O facto de os netos ainda partilharem o mesmo quarto ou cama com os avós e contarem-lhes todos os segredos proporciona aos idosos o sentimento de que a família é um ponto de equilíbrio neste seu processo de envelhecimento. Situações há que permitem ao idoso sentir que é ele próprio este ponto de equilíbrio. Quando as coisas correm menos bem é o idoso que consegue, com a sua experiência e sabedoria solucionar os problemas e apaziguar as situações.

A este propósito, “...é fundamental que os familiares apresentem capacidade de intimidade, e que mostrem compaixão e apreço pelo idoso.” (Imaginário C, 2002).

Quando a experiência familiar anterior se mostrou negativa, alguns idosos decidiram procurar outra família. Referem sentir necessidade de: ajuda, diálogo, convívio, compreensão e fuga aos maus-tratos físicos e verbais.

A necessidade de comunicar é uma das mais importantes na hierarquia das necessidades humanas (Diogo M, 2000). Independentemente da idade, o ser humano é um ser social, por isso a comunicação é primordial na vida das pessoas.

Tal como referem Jiménez Navascués *et al.* (1999), a necessidade de “comunicação é a mais importante para os idosos (...) podendo estar motivada pelo problema da solidão (...) daí darem grande importância à comunicação”.

Neste sentido, Berger (1995), refere-nos que a incomunicação pode tornar-se “numa atrofia ameaçadora para o equilíbrio psicológico (...) em todas as idades, mas sobretudo na velhice”.

Outros há, que quando a experiência familiar anterior, se revelou negativa, não quiseram repetir a proeza e então buscam a sua independência, optando por viver sós. Referem sentir as mesmas necessidades de: ajuda, diálogo, convívio, compreensão e necessidade de fugir aos maus-tratos físicos e verbais. Preferem viver no seu ambiente natural, dado que existe incompatibilidade com alguns elementos da família. Estes idosos contam com o apoio de vizinhos e sobrinhas. Apesar de viverem sós, é com estes elementos que os idosos contam para colmatar a falta que a sua família mais próxima lhes faz.

A este propósito, podemos afirmar que a casa tem muita importância para a maioria das pessoas, mas para o idoso assume ainda um papel mais relevante, porque “conta a história de uma vida inteira” (Zimmerman G, 2000). Ela reflecte o eu que ele foi na vida toda

e é o local onde possui os móveis e objectos pelos quais tem um apreço especial. O idoso liga-se à sua casa por diversos motivos que têm a ver com o significado que a casa e o ambiente residencial têm em termos de papéis e relações sociais, ligações afectivas, associação ao passado, referência a valores culturais de identidade pessoal e social, efeito psicológico que os espaços conhecidos conferem em termos de segurança.

Alguns idosos, como foi referido anteriormente, contam com o apoio de vizinhos. Nesta linha de pensamento, Paul (1997) “os vizinhos fornecem importantes tipos de apoios e assistência que contribuem para o bem-estar”.

Segundo Bazo (1998), os vizinhos proporcionam principalmente companhia e apoio emocional.

No que se refere à incompatibilidade com alguns elementos da família mais especificamente, como foi referido pelos idosos, com as noras, o estudo de Coenen – Huther *et al.* (1994), realizado na Suíça, revela que relativamente aos parentes em linha vertical existe uma atitude muito positiva face ao dever de entreatuda, que não é posto em causa.

No que se refere aos colaterais, as atitudes vão sendo mais reservadas, com o reconhecimento do dever variando consoante a proximidade afectiva. No que toca ao parentesco alargado, existe uma descontinuidade, que varia também em função das relações de proximidade afectiva.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que, quer o idoso permaneça no seu ambiente familiar, quer procure a sua independência no seu habitat, quer procure uma outra família, a família é um ponto de equilíbrio para o idoso. Ou este equilíbrio já existe ou ele o vai tentar encontrar numa outra instituição familiar.

TECENDO AS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Iniciámos o nosso percurso a partir de um, já distante, momento de silêncio que acudiu à nossa consciência e nela depositou uma interrogação. Esta fez desencadear a intensa necessidade encontrar respostas. Antes de retornarmos ao silêncio que van Manen (1997) refere e a partir dos elementos expostos neste trabalho, resta-nos ainda a oportunidade de realizar algumas considerações acerca da pesquisa que um dia nos propusemos levar a cabo.

Neste momento não pretendemos encerrar o estudo que realizámos, mas abrir novos caminhos, até porque, como nos ensina van Manen,(1997) a investigação fenomenológica, à semelhança da poesia, constitui um trabalho de continuidade.

O contributo da família foi expresso e compreendido a partir das vivências dos idosos a viverem no contexto familiar.

As experiências vividas pelos idosos participantes apresentam-nos o contributo da família expresso em três expressões significantes:

- A família como fonte de dignidade
- A família como fonte de sentimentos e relações controversos
- A família como ponto de equilíbrio

A Família como fonte de dignidade prende-se com a forma como o ambiente familiar permite aos idosos sentir que a sua dignidade é respeitada e preservada.

Qualquer que seja o tipo, estrutura ou constituição familiar, ou mesmo existindo uma experiência familiar anterior negativa a família é referenciada pelos idosos como fonte de dignidade. Através da descrição das suas vivências, os idosos expressaram sentimentos que rapidamente nos conduziram à construção deste tema.

A família como fonte de relações e sentimentos controversos surge após a verbalização dos idosos na tentativa de classificar os sentimentos e as relações familiares.

Dada a especificidade e originalidade das relações humanas, situações há em que o idoso experimenta sentimentos negativos e ambíguos. Estes sentimentos ambíguos dizem respeito aos sentimentos que são conotados pelos idosos como negativos mas aceitáveis face à situação.

Face a sentimentos negativos, o idoso demonstra compreensão e acomodação.

A família como ponto de equilíbrio diz respeito à situação que os idosos vivenciam. Isto é, apesar de a família proporcionar aos idosos alguns sentimentos menos positivos, esta não deixa de ser um ponto de equilíbrio, pois quando o idoso não reconhece este ponto de equilíbrio na sua família, ele procura outra família de forma a encontrar esse equilíbrio. Outros há que preferem viver sozinhos com o apoio de vizinhos e amigos, sendo esta a sua família onde conseguem encontrar esse ponto de equilíbrio.

POSFÁCIO

As dificuldades encontradas, os meios de que dispunha e as surpresas com as quais me fui deparando ao longo do caminho, revelam-me que a realização de um projecto deste tipo está sujeito a uma série de factores, capazes de transformar o percurso e reconstruí-lo de forma evolutiva.

Embora a preocupação de assegurar o rigor metodológico deste estudo fosse uma constante, consciencializei algumas limitações que não quero deixar de salientar:

- O factor tempo tornou-se um impeditivo à possibilidade de construir uma abordagem mais profunda do fenómeno e um conhecimento mais amplo do tema.*
- A total inexperiência em investigação e, por consequência, na pesquisa fenomenológica, constituíram reais dificuldades que impediram uma aproximação mais íntima ao fenómeno em estudo.*
- A inexperiência na técnica de entrevistar pode ter constituído um factor impeditivo da descoberta de aspectos e elementos que seriam importantes desvendar para a melhor compreensão do fenómeno em estudo.*
- A condição de saúde débil de familiares próximos, durante o período em que decorreu a pesquisa, constituíram também factores limitativos para a sua realização, quer no que respeita às minhas capacidades físicas, quer no que concerne às psicológicas.*
- A limitação bibliográfica empobreceu o suporte de apoio e a fundamentação dos significados encontrados.*

- *Outro factor limitativo para a realização da pesquisa, mas não negativo, pelo contrário, extremamente positivo, satisfatório e gratificante foi a gravidez e consequente nascimento de um anjo: o Gabriel.*

No entanto, estou ciente da forte aprendizagem que resultou da realização desta pesquisa e do facto de que essa aprendizagem não se confina apenas aos limites do trabalho aqui apresentado. Assim, passo a especificar os pontos nos quais senti que a aprendizagem foi mais efectiva:

- *Senti que enriqueci fortemente a minha experiência, quer através da relação que estabeleci com os participantes, quer através da partilha pessoal.*
- *Mais do que uma aprendizagem académica, esta pesquisa constituiu para mim, uma aprendizagem de vida. Algo que não consigo nem pretendo explicar, mas que sinto ser importante e se transformou dentro de mim.*
- *Estou consciente de uma melhor compreensão do que pode significar o contributo da família para um envelhecimento com dignidade.*
- *Aprendi que para caminhar em qualquer sentido, é necessário traçar uma linha orientadora, como se de uma bússola se tratasse, que me impeça de perder o norte, sob pena de não aportar no destino certo.*
- *Aprendi que a persistência e a vontade de continuar a caminhar rumo a um objectivo, devem constituir os incentivos fundamentais, mesmo nos momentos em que me senti impelida a desistir daquilo em que acreditava. Só assim poderei ver o nascer de novos rumos.*

van Manen (1997) refere as transformações que ocorrem, no decurso da pesquisa fenomenológica, quer no investigador, quer em todos aqueles que nela participam, de forma directa ou indirecta.

Senti que algumas transformações ocorreram com a realização desta pesquisa e que se tornaram visíveis quer em mim, quer nas pessoas que participaram na sua consecução. Considero essas transformações significativas, pelo que gostaria de as deixar claras:

- *Em termos pessoais as transformações são evidentes. Por um lado, adquiri uma nova consciência do esforço, da dificuldade e do dispêndio de forças e meios que são necessários para tornar possível uma pesquisa desta natureza. Por outro lado, verifiquei existirem, hoje, alterações da minha componente familiar e senti que esta passou a ter um novo significado. O resultado obtido consiste, felizmente, no nascer de um laço mais forte e num enriquecimento mais efectivo.*

Assola-me ao espírito que muita coisa fica por dizer e que uma infinidade de perspectivas fica por abordar. Se, de alguma forma, me fosse permitido recomeçar o percurso, algumas directivas e estratégias fundamentais seriam, sem qualquer dúvida, reflectidas ou alteradas e a consciência desta possibilidade leva-me a experimentar um misto de limitação e insatisfação.

Como o saber e o conhecimento acompanham o homem ao longo da sua existência, resta com eles a esperança de que a minha vontade de descobrir novos modos de compreender o contributo da família para um envelhecimento condigno, constitua um elemento impulsionador para o enriquecimento profissional e humano.

Disse, em algum momento do trabalho, que van Manen (1997) considera que a pesquisa fenomenológica constitui, entre outras coisas, uma actividade poetizante.

É, pois, de forma poética, que deixo uma mensagem de aprendizagem e de esperança, que expresse através das palavras de António Aleixo (1978):

*E assim, lição por lição
Que a pouco e pouco aprendemos
De outros; a outros daremos,
Que a muitos outros darão.*

REFERÊNCIAS

Abbagnano N: História da Filosofia. Editorial Presença, Lisboa, 1991.

Albom M: As terças com Morrie. Sinais do Fogo, Lisboa, 1999.

Aleixo A: Inéditos. Edição de Vitalino Martins Aleixo, Loulé, 1978.

Barreto J: Apntamrntos resultantes de conversas informais, Porto, 2006.

Bazo M: Vejez dependiente, políticas y calidad de vida. *In: Papers 56*. Universidad del País Vasco/EHU. Departamento de Sociologia, Bilbao, 1998.

Berger L: Aspectos psicológicos e cognitivos do envelhecimento. Lusodidacta, Lisboa, 1995.

Cabral B: Capacidade e responsabilidade da família num mundo em transformação. Uma visão planetária das questões familiares. *Hospitalidade* n.229;1994: 9-13.

Carvalho I: Do outro lado do espelho: abordagem fenomenológica das vivências dos enfermeiros enquanto seres cuidados. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, 2003.

Coenen-Huther, Kellerhals, Von A: Les Réseaux de Solidarité dans la Famille.Éditions Réalités Sociales, Lausanne, 1994.

Conselho Nacional de Ética Para as Ciências da Vida: Reflexão Ética sobre a Dignidade Humana, Lisboa, 1999.

Constituição da República Portuguesa: 3ª Edição anotada por Canotilho, Gomes e Moreira, Vital, Coimbra Editora, Coimbra, 1993.

Cordeiro J: Viver feliz. Bertrand Editora, Lisboa, 2002.

Costa C, Silva C, Sousa P: Ser idoso nos dias de hoje. Revista Sinais Vitais n.41; 2002: 23-25.

Diogo M: Consulta de Enfermagem em gerontologia. *In* Netto, Matheus Papaléo: Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. Atheneu, São Paulo, 2000.

Durozoi C, Roussel A: Dicionário de Filosofia. Tradução de M.F.S. Correia. Porto Editora, Porto, 2000.

Editora Dicionários: Dicionário da Língua Portuguesa. 6ª Edição, Porto Editora, Porto 1992.

Fernandes A: Velhice e sociedade: demografia, família e política sociais em Portugal. Celta Editora, Oeiras, 1997.

Fernandes A: Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos. *Análise Social*.n.129; 1994:1149-1191.

Finch J: Family Obligations and Social Change, Polity Press, 1989.

Freitas M: Afectividade. *In* Logos enciclopédia luso-brasileira de filosofia. Editorial Verbo, Lisboa, 1989.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Amigos do Livro editores Lda., Lisboa, 1981.

Guimarães A: *In* Actas do IV Seminário do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, 1999.

Guimarães P: O estatuto dos idosos no direito português ou o fim do idoso crepuscular. *Revista Geriatria* n.101; 1998: 11-20.

Heidegger M: Ser e Tempo. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

Hespanha M: Para além do estado: a saúde e a velhice na sociedade providência. *In*: Santos, Boaventura Sousa: org. – Portugal: um retrato singular. Afrontamento, Porto, 1993.

Imaginário C: O idoso dependente em contexto familiar. Edições sinais vitais, Coimbra, 2004

Instituto Nacional de Estatística: As Gerações mais Idosas. Série de Estudos n.85, 1999.

Kant I: Crítica da Razão Prática. Edições 70, Lisboa, 1994.

Kant I: Fundamentação da Metafísica dos Costumes [1785]. Edições 70, Lisboa, 1995.

La Cuesta C: Características de la Investigación Cualitativa y su Relación con la Enfermería. *Revista Investigación y Educación en Enfermería* XV (2), Medellín, 1997.

Lakatos E, Marconi M: Metodologia Científica. Editora Atlas, São Paulo, 1992.

Lher Ú: Psicología de la senectud-proceso y aprendizaje del envejecimiento. Hernder, Barcelona, 1988.

Leme L, Garcez L, Silva P: O idoso e a família. *In* Netto, Matheus Papaléo: Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. Atheneu, São Paulo, 2000.

Levet-Gautrat M: A la recherche du 3^a age-eléments de gérontologie sociale. Armand Colin Actualité, Paris, 1985.

Mairis E: Concept Clarification in Professional Practice – Dignity. *Journal of Advanced Nursing*, nº19; 1994.

Manen M: *Researching Lived Experience: Human Science for an Action Sensitive Pedagogy*. The Althouse Press, London, 1997.

Marcos B: *Ética e Profissionais de Saúde*. Livraria Santos Editora, São Paulo, 1999.

Marques S: A solidariedade intergeracional: o papel dos filhos na velhice dos pais. *Cidade Solidária* n.3, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 1999: 36-38.

Massé J, T-Brault: Sociétés, vieillissement et stratification dès ages. *Sociologie et Sociétés* n.2; 1984:3-14.

Merleau-Ponty M: *Fenomenologia da Percepção*. Edições Martins Fontes, São Paulo, 1999.

Ministério da Saúde: *Carta dos direitos e deveres dos doentes*. Folheto distribuído pela ARS, Lisboa, 1997.

Mirandola G: *Discurso sobre a Dignidade do Homem*. Edições 70, Lisboa, 1999.

Moragas R: *Gerontologia Social*. Herder, Barcelona, 1991.

Morato X: *Teorias acerca do envelhecimento*. O Médico, Lisboa, 1986.

Morse J, Field P: *Nursing research: The Applications of Qualitative Approaches*. Ed. Chapman & Hall, London, 1996.

Morse J *et al.*: Comparative Analysis of Conceptualization and Theories of Caring. *Journal of Nursing Scholarship*, vol.23, n.2, 1991.

Moser G: *Relações Interpessoais*. In *Dicionário de psicologia*. Climepsi Editores, Lisboa, 2001.

- Nazareth M: O envelhecimento demográfico. *Psicologia* n. 2; 1988: 135-146.
- Paúl C: Lá para o fim da vida, idoso, família e meio ambiente. Livraria Almeida, Coimbra, 1997.
- Philibert M: Le statut de la personne âgée dans la sociétés antiques et pré-industrielles. *Sociologie et Sociétés* n.2; 1984: 15-27.
- Pimentel L: O lugar do idoso na família. Quarteto, Coimbra, 2005.
- Pires L: Idoso: modos de vida e condições de vulnerabilidade. *Revista Geriatria* nº66; ano 7: 21-28.
- Polit D, Hungler B: Fundamentos da Pesquisa em Enfermagem. Edições Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.
- Potter P, Perry A: Fundamentos de enfermagem: conceitos, processos e práticas, Guanabara Koogan, 1999.
- Reis J: Aspectos gerais e históricos da geriatria. *Gerontologia* n.6; 1980: 29-43.
- Relvas A: O ciclo vital da família: perspectiva sistémica. Afrontamento, Porto, 1996.
- Renaud M: O Encontro com o Outro. *Cadernos de Bioética*, nº23, Coimbra, Edições Centro de Estudo de Bioética, 2000.
- Renaud M: A Dignidade Humana. Reflexão Retrospectiva e Prospectiva. *In* *Cadernos de Bioética*, nº 23, Coimbra, Ed. Centro de Estudos de Bioética, 2000
- Ricoeur P: Teoria da Interpretação. Porto Editora, Porto, 1995.

- Robert L: O envelhecimento- factos e teorias. Instituto Piaget, Lisboa, 1995.
- Roussel L: O futuro da família. *Sociologia – Problemas e Práticas* n.11;1992:165-179.
- Ruffiot A, Ciavaldini A: Afecto familiar. *In* Dicionário de psicologia. Climepsi Editores, Lisboa, 2001.
- Santos A: Dignidade Humana e Reorganização Social. 2002.
- Saraceno C: Sociologia da família: perspectiva sistémica. Afrontamento, Porto, 1997.
- Serrão D: A dignidade da pessoa no ocaso da vida. *In* Brotéria n.150; 2000: 137-139.
- Serrão D, Nunes R: Ética em Cuidados de Saúde. Porto Editora, Porto, 1998.
- Sim-Sim M: Mães-Meninas – Meninas-Mães: Abordagem Fenomenológica da Maternidade na Adolescência. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica, Lisboa, 1997.
- Slepoj V: As relações de família. Editorial Presença, Lisboa, 2000.
- Staab A, Hodges L: Enfermeria gerontológica. McGraw-Hill Interamericana, México, 1997.
- Teixeira E: Solidão, a busca do outro na era do eu: estudo sobre sociabilidade na modernidade tardia. *Revista de Sociologia, Problemas e Práticas* n. 35;2001: 31-47.
- Timiras P: Introducción: envejecimiento como uma etapa del ciclo vital. *In* Tiniras P: Bases fisiológicas del envejecimiento y geriatría. Masson, Barcelona, 1997.
- Zimmerman G: Velhice: aspectos biopsicosociais. Artes Médicas, Porto Alegre, 2000.